meu melhor INIMIGO



KAREN SANTOS

meu melhor INIMIGO

KAREN SANTOS

Meu Melhor Inimigo @ 2021. Todos os direitos reservados.
Obra protegida pela Lei 9.610 de 1998 (Lei de Direitos Autorais)
É proibida a reprodução gratuita ou comercial dessa obra sem a autorização da autora. É proibida a reprodução parcial da obra, mesmo que de forma gratuita, sem os devidos créditos. Meu Melhor Inimigo é uma obra de ficção, qualquer semelhança com pessoas ou fatos reais é mera coincidência.

Capa: Heloisa Batistini
Revisão: Vitoria Gomes

Inscreva-se na minha lista de e-mails e saiba das novidades em primeira mão – Saiba mais aqui. Me envie um e-mail em thekathyork@gmail.com ou mensagem através do Instagram https://www.instagram.com/katherineyorkautora e Facebook https://www.facebook.com/thekatherineyork

Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Epilogo

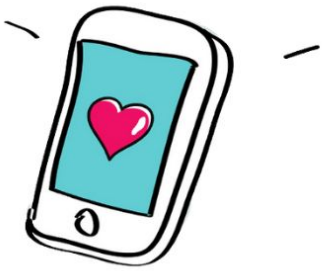
Julie Morgan detesta Lucas Wilson, e o sentimento é mútuo. Eles eram amigos na infância, mas a inimizade que nasceu na escola continua forte mesmo depois do ensino médio.

De inimigos a amantes?

Dez anos depois, o irmão de Lucas pede a irmã de Julie em casamento, e eles se reencontram, fazendo farpas voarem pela festa de noivado. Quando um mal entendido causa o cancelamento da boda, os ex-amigos vão se juntar para garantir o "felizes para sempre" de seus irmãos, e talvez se apaixonarem no meio do caminho.

Capítulo 1

Julie



— *Por favor, não fica chateada, mas… vou me casar* — diz minha irmã com uma voz muito baixa para a ligação.

Meu cérebro demora alguns segundos para registrar o que ela acabou de dizer no telefonema. Deixo o arranjo de flores na mesa, parando de equilibrar o smartphone nos ombros e segurando-o ao meu ouvido com atenção.

Erin tem a mania de falar pelos cotovelos, então quase sempre faço alguma outra coisa ao mesmo tempo. Alguns "aham", "sim", "é mesmo?", e ficamos todos satisfeitos — mesmo que às vezes não me lembre de metade do que minha irmã está dizendo. Ela é tímida como uma ostra com desconhecidos, mas adora conversar com quem tem intimidade. O problema é que, por mais que ache fofo ouvir sobre o septuagésimo quinto cão que ela resgatou, as histórias não são muito interessantes depois de ouvi-las nove vezes.

— Você vai o quê?! — pergunto um pouco mais alto que deveria.

— *É que Dylan me pediu, e estou tão animada e…*

— Erin, foco! — interrompo-a. — Você não estava namorando, como pode estar noiva?

— *Bem… Sobre isso* — ela fala, e consigo ouvir seu tom incerto à distância. *No que minha irmã se meteu? — Estou com uma pessoa há algum tempo, mas concordamos que era melhor não contar para você.*

— Pelo amor de Deus, por quê? É um ex-namorado meu, é isso?

— *Pior…*

— É um primo de primeiro grau? Um animal? Uma planta? — Suspiro irritada enquanto coloco a mão no rosto, tentando evitar o barulho de impaciência. — Erin, com quem diabos você vai casar?

— *Dylan Wilson* — admite em um fio de voz.

— Como o irmão mais velho de Lucas Wilson?

— *Sim…*

— ERIN, POR FAVOR! — falo alto e suspiro, controlando a voz e voltando a falar em um tom mais baixo. — Como você reencontrou o irmão daquele idiota infernal?

— *Lembra quando estava trabalhando no Starbucks? Dylan estava cuidando de uma obra no centro de Montpelier e passava todo dia para o café. Uma coisa levou a outra, conversamos, ele me chamou para sair. Juro que não sabia que ele era irmão do Lucas…*

— Aquele babaca, filhote de lombriga, porteiro do inferno…

— Julie! Você precisa se comportar — minha irmã diz, interrompendo minha série de xingamentos entredentes. *Lucas Wilson me tira do sério.*

— Eu vou… Mas, Erin? Se ele me provocar, vou responder.

— *Na semana que vem, vou fazer uma festa de noivado. Vai ser algo pequeno para alguns amigos, e ele vai estar aqui. Por favor, por favor mesmo, se comporte. Não quero que você cause uma cena.*

— Avisaram o mesmo para aquele filhote de bode?

— *Dylan vai falar com ele* — Erin responde suspirando. — *Julie, por que vocês se odeiam tanto? Eram amigos. Não tem por que…*

— Vou me comportar se ele se comportar. Eu prometo.

Quando Erin desliga, não consigo evitar que minha cabeça me leve para longe. Penso em como cheguei a esse ódio mortal. Ela está certa, nós éramos amigos. Muito amigos.

Lucas e eu nos conhecemos com meses de idade, não me lembro ao certo. Ele sempre esteve nas minhas lembranças: mamãe e a mãe dele precisaram voltar a trabalhar pouco depois que nós nascemos; elas trabalhavam juntas

no mercado local e eram muito amigas. Frequentamos a creche juntos e, no primeiro dia de escola, éramos duas mochilas gigantes presas em casacos que nos afundavam de mãos dadas — existe uma foto desse instante.

Minhas lembranças começam por volta dos quatro anos, quando estávamos juntos sempre, como unha e carne. Lucas é seis meses mais velho que eu, leão com ascendente em escorpião, um exibido vingativo. Uma das minhas primeiras crises de choro aconteceu quando ele parou de falar comigo por meia hora dizendo que peguei um lápis de cor sem pedir. Deveria saber que ele era um escroto naquela época. Enquanto isso, eu, uma pobre capricorniana de ascendente em áries — ok, ok, sei que posso ser infernal por causa desse pequeno detalhe —, estava sempre ali, na minha, sendo uma amiga fiel.

Assim que Erin nasceu, quando eu tinha seis anos, mamãe deixou de trabalhar. Dylan era mais velho e fazia alguma coisa depois da aula, esporte acho. Lucas passou a ir para a escola e voltar para minha casa pelo resto da tarde. A regra era simples: filmes da Disney que não fossem muito de menininha e brincadeiras adequadas para nós dois. Sei que Lucas falava isso tranquilamente, mas anos depois descobri que era porque o pai dele era um idiota machista que achava que bonecas e Cinderela iriam transformar a sexualidade do filho dele.

Blocos de montar eram nossa brincadeira favorita e, pelo que soube, ele estudou engenharia na universidade — ok, eu sabia tudo porque tinha curiosidade e adorava procurar por informações sobre meu nêmesis. Ele se formou em engenharia em Cornell com uma bolsa esportiva e foi escolhido no *draft* no terceiro ano do futebol universitário. Não sei como ele fez o milagre, mas saiu com o diploma e a vaga na NLF. Lukifer era talentoso quando queria.

Na época da nossa infância, vimos *Toy Story* mais vezes do que poderia contar, e eu ia ao delírio com as poucas vezes que o convenci a ver *Mulan*. Isso aconteceu dos nossos seis aos treze — no final desse período, já liamos Harry Potter juntos e gostávamos de ver mais filmes de ação que desenhos. Não sei o que minha mãe tinha na cabeça, mas no início da adolescência, meus ídolos eram Stallone, Dolph Lundgren, Van Damme e etc. *O Grande Dragão Branco* era uma poesia em longa-metragem.

Lucas estava lá no jardim de infância, na escola primária e no primeiro dia do Junior High, sempre de mãos dadas, mostrando para todo mundo que eu era sua melhor amiga. Ele começou a crescer descontroladamente e aos doze

anos ele já era tão grande que o chamaram para alguns treinos depois da aula. Nossas tardes de filme de ação foram acabando aos poucos, até serem apenas dias de folga dos treinos de futebol americano de Luke. Comecei a ficar na escola para os clubes — nessa época, era aficionada pelo grupo de debate; era muito boa discutindo com os outros. Esperava Lucas e voltávamos juntos para casa, já que ele morava a um quarteirão de distância.

As coisas foram ficando estranhas nessa época. Eu o olhava e algo acontecia com meus hormônios, minha mão suava, meu coração disparava. Comecei a ficar tímida ao redor dele. Quando uma garota da minha turma perguntou se eu era a namorada dele, a ficha caiu na minha cabeça. Tinha me apaixonado pelo meu melhor amigo.

Foram meses escondendo aquele segredo, escrevendo poesias e músicas para Lucas — Deus, eu era brega —, e morrendo pela hora que ele me dava carona em sua bicicleta. Foi nessa ocasião que comecei a desenhar o rosto de Luke em absolutamente todas as superfícies. Ajudou-me muito a decidir o que queria fazer do futuro. Até hoje, uso Lucas como modelo dos meus desenhos
à mão livre. Ele é detestável, mas bonito como um inferno, agradável de desenhar.

— Jules, você já deu seu primeiro beijo? — Lucas me perguntou no momento que pegávamos sua bicicleta em um desses dias. Fiquei vermelha como um tomate, morta de vergonha, enquanto ele tinha um sorriso no rosto.
— Espero que não. Sou seu amigo, você teria me contato, né?

— E você me contou? — respondi com uma pergunta e uma nota de ciúmes na voz. Era muito sem jeito.

— Porque não aconteceu, ué — ele disse e deu de ombros. — Mas estive pensando. Quero beijar você.

— Para de brincadeira! — falei e o empurrei, mas Lucas me puxou e me beijou.

Foi horroroso. Sem jeito, com muita baba, uma língua perdida. Mas meu coração se acelerou, eu suei. Tentei ser menos desajeitada, e no fim nos separamos com olhar confuso.

— Tudo bem? — ele me perguntou, e fugi do seu olhar. Estava morta de vergonha do beijo. E se alguém tivesse nos visto ali na escola?

— Podemos apenas ir?

— Monta aqui, vou te levar para casa — ele disse e piscou para mim.

Não falamos sobre o beijo, mas aos poucos eles voltaram a acontecer. Lucas me beijava escondido aqui e ali, sempre de surpresa. Ele tinha se tornado um bom beijador depois de algumas vezes. Algo também acontecia nas partes baixas dele e sempre terminávamos com Luke andando engraçado.

Pensando hoje, foi algo bem inocente, que durou algumas semanas e que nunca foi um namoro adolescente. Só duas pessoas descobrindo o corpo uma da outra, até que uma delas se cansou. Apenas isso.

Quase um mês depois do nosso primeiro beijo, Lucas sumiu. Não tínhamos celulares na época, então precisava esperar que ele aparecesse na escola, enquanto morria de preocupação. Mamãe dizia que talvez ele e a família tivessem viajado, mas conhecia meu amigo. Ele não sumiria sem falar nada.

Uma semana depois, quando ele voltou, era outra pessoa. Anos depois, descobri que foi a época que a mãe dele foi embora da cidade. Lucas me olhou com olhos adultos, secos e sem sentimento. Disse que não poderíamos mais ser amigos porque ele cansou "das brincadeiras de criança".

Foi isso. Treze anos de amizade jogadas no lixo.

Sentia falta dele como um inferno. Chorei e chorei, tentei conversar mil vezes. Mas Lucas não queria conversar, e começou a ser desagradável em suas respostas. Juntei meus cacos e terminei o Junior High deixando-o para trás. Se Lucas não queria nossa amizade, também não faria questão.

Quando entramos no High School, Lucas passou a ser um *bully*, muito por influência dos amigos idiotas do futebol americano. Ele nunca dirigiu uma palavra ruim para mim, mas adorava "pegadinhas". Eu era um alvo fácil, mas também um adversário à altura — ascendente em áries, né?

Meu armário amanhecia com coisas dentro, de papel higiênico a bolinhas coloridas., mais vezes do que podia contar. Espalhei que ele tinha gonorreia. Que tinha feito pornô. Que passou semanas das férias de verão preso em um reformatório. Que vendeu o fígado no mercado negro para comprar uma guitarra. Ele colou meus livros no teto. Contratou um par de calouros para cantar uma canção sobre como eu era uma perdedora. Pediu uma salva de palmas no refeitório na época que finalmente arranjei um namorado e deixei de ser uma "velha de oitenta anos com poeira entre as pernas" — o pobre não durou mais um mês depois disso.

Com o tempo, nós transformamos as escalas de aulas em verdadeiros mapas de *War*: onde eu estava, Lucas não pisava. Se calhava de estarmos os

dois juntos em alguma aula ou atividade extracurricular, ou um dos dois abandonava na semana seguinte, ou as pessoas ao nosso redor sofriam. Isso aconteceu uma vez quando ele foi obrigado a fazer uma disciplina extraclasse para ganhar créditos para a bolsa de estudos. História longa que na verdade é curta: ele foi parar no meu clube de debate. Lucas não podia sair, então todo o resto fez isso. Não era minha culpa que nós dois éramos muito bons em debater. Podíamos discutir por horas.

No último ano, ficamos um pouco extremos. Estava louca para me ver livre de Lukifer, mas ao mesmo tempo parecia que queria deixar algo marcado na memória dele. Faltando duas semanas para a formatura, roubei todas as roupas dele do armário de treino e da mochila enquanto tomava banho. Quando ele saiu do chuveiro para pegar a toalha, não encontrou nada para se cobrir. Lucas Wilson desfilou sua glória nua pela escola até Dylan trazer uma muda de roupas. Ele foi suspenso no processo. Não pôde ir à formatura.

Lucas ficou tão puto que no dia seguinte fechou meu carro, batendo na porta do passageiro. O problema? Tinha entrevista na University of Vermont e, sem carro, não conseguiria ir. Cheguei atrasada, perdi o processo, mas entrei em uma lista de espera. Estava tão puta por ele colocar meu futuro em risco e destruir meu carro que não tinha dinheiro para consertar. Chamaram-me para uma segunda entrevista quando mandei uma foto do meu automóvel explicando que tinha “sofrido um acidente de carro”.

No meio das férias de verão, me mudei para Burlington e comecei meu curso de História da Arte. Estava pronta para deixar tudo para trás e nunca mais ouvir sobre Lucas “Lukifer” Wilson.

Agora, quase dez anos depois do nosso último ano na escola, minhas memórias voltam com tudo. Construí uma vida em Burlington e montei um negócio — que não tem a ver com a minha formação, já que artes não pagam as contas, como descobri após a formatura. A floricultura é um bom negócio local, com público e que me permite ser criativa. Faço buquês, mas ganho mesmo com ornamentação de festas, principalmente casamentos.

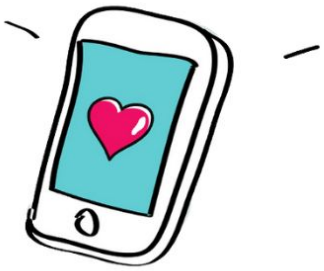
As coisas estão ruins nos últimos meses, porém ainda dá para aguentar financeiramente. Sinto que posso ir à falência a qualquer momento, mas amo ver a felicidade das pessoas ao querer presentear alguém, o brilho nos olhos, o romance. O dia dos namorados vem com grandes lucros e um mundo de sentimentos. Gosto muito disso. Sou uma pessoa tranquila, trabalhadora, que ajuda na comunidade.

Meu único ponto fraco é aquele filhote de fungo de pé. Lucas Wilson me tira do sério. Algo acontece só de olhar para a cara dele, que está em todo lugar porque é o "filho da cidade que chegou à grande liga". Quero socar cada poster de papelão que vejo na rua.

Por que Erin foi se apaixonar logo pelo irmão daquele idiota?

Capítulo 2

Lucas



Dylan decidiu casar com ninguém menos do que a irmã de Julie Morgan. Aquela harpia que fez da minha vida um inferno no ensino médio. Quer dizer… Nós dois fomos muito longe naquela época. Não gosto de pensar que também era um idiota. Sempre fui uma pessoa justa e equilibrada, só que ela tinha algo, fazia algo, que me tirava do sério.

Quando fui para Cornell, foi como colocar minha vida nos eixos. O cara normal sem dramas. Atualmente, tenho uma boa vida na Filadélfia. Moro em um duplex de três quartos no Riverfront, confortável e perto do estádio. Levo meia hora para chegar aos treinos, saio com meus colegas de time, tenho sempre mulheres dispostas. É minha terceira parada em seis anos de NFL: dois anos no Giants em Nova Iorque, dois no Chicago Bears e dois no Eagles. Tenho fé que vou ficar mais tempo dessa vez, a parte que mais detesto são as mudanças.

Saí de Nova Iorque depois de uma lesão. Tive um problema sério no ombro que me deixou parado por mais de um ano, e o time me liberou. Fui transferido para o Bears e, depois de alguns bancos de reservas, comecei a jogar. Era um *tight end* foda, sabia disso. Era a porra de um bloqueador de primeira qualidade, que não deixava passar nada. Precisava ser grande, forte e correr rápido. Conseguia fazer isso tudo e ainda parecer simpático com o

uniforme. O Eagles me amava por ser bom no campo e com relações públicas.

Em todos esses anos, mesmo com a loucura de ser uma figura pública, de ganhar alguns milhões e chamar atenção de todo o tipo de pessoa, nunca cheguei perto de ter outro adversário como Julie Morgan.

— *Cara, não sabia que ela era irmã de Julie* — Dylan responde sem paciência do outro lado da linha. — *E você precisa superar essa merda. Não é como se estivesse sempre pela cidade*.

— Como ela reagiu?

— *Ela não sabe. Erin só quer contar quando nosso relacionamento for mais sério. Ela faz o que quiser. A mãe dela sabe, e queria contar para você porque vou apresentá-la para mamãe.*

— Então é sério.

— *Sei que é rápido, mas tenho certeza, entende? Ela é a mulher para mim.*

— Se você diz… mas você acaba de me falar que estão saindo há menos de seis meses.

— *Vou pedi-la em casamento. Foi por isso que decidi ligar.*

— Dylan, você não está se apressando demais? Namore um pouco mais e…

— *Estou bem com a minha decisão, Lucas. Espero que você esteja lá para me apoiar* — ele diz em uma voz séria que não abre espaço para discussões. — Comprei o anel, vou levá-la para jantar no Sarducci's e propor.

— Você virou um romântico…

— *Você nem imagina*. — Ouço o som do sorriso em sua voz. — *Foi onde aconteceu nosso primeiro encontro.*

— Estou feliz por você, irmão!

— *Você vai amá-la. Quero que seja meu padrinho.*

— Eu nem mesmo me lembro dela, Dylan. E você sabe, tenho um problema com garotas Morgan.

— *Não, você tem um problema com uma garota Morgan específica. E você é meu único irmão. Quem mais poderia ser meu padrinho além de você?*

Seis meses depois do pedido de casamento, Dylan e Erin irão fazer uma festa de noivado. Ele me avisou com semanas de antecedência para

conseguir a liberação. Com a agenda de jogos e treinos, não tive a oportunidade de encontrar a Erin pessoalmente, mas meu irmão parece feliz. Não tenho certeza se a irmã de Julie é a pessoa para ele, mas estou levando a palavra do meu irmão em consideração.

No dia da festa, saio com o horário apertado da Filadélfia. Depois de quase duas horas de voo — tentando driblar os fãs perseguindo-me no aeroporto e fora dele —, dirijo até Montpelier, minha cidade da infância. É fria como eu me lembro, em tons laranjas como se fosse sempre outono. Os prédios de tijolos estão por todos os lados. O rio Winooski corre pelo meio da cidade — a menor capital do país —, perto das pequenas lojas ao redor do centro. Passo por cada rua e sinto cheiro de infância e xarope de bordo.

Quando chego na minha casa de infância, a festa já está em seu auge. O lugar está cheio, a música alta, e nem sinal do meu irmão e minha cunhada. Dentro da nossa sala espaçosa devem ter pelo menos cinquenta pessoas, além de algumas outras espalhadas por outros cômodos. O ambiente está decorado com flores de cima a baixo, um grande arco cor de rosa próximo a escada que dá nos quartos.

Alguns desconhecidos me cumprimentam. Já me acostumei com isso, apesar de achar enlouquecedor. Qual é a motivação de chegar com uma câmera apontada, trocar três palavras e ir embora? Aqui as fotografias estavam ou bem escondidas, ou eu não era o alvo principal. Dylan tem um nome na nossa pequena cidade, e um casamento do tamanho do deles não acontece todos os dias.

Um garçom me oferece um copo quando finalmente encontro meu irmão abraçado com uma mulher pequena de cabelos loiros e lisos, rindo de algo que um homem que não conheço está falando. Erin é muito parecido com o que lembro de Julie na escola: o mesmo rosto redondo, o sorriso fácil. A diferença é que a irmã tinha aqueles cabelos cacheados que iam para todos os lugares, em uma massa de fios tão chamativos quanto sua personalidade.

— A noiva é linda, não é? — diz um homem atrás de mim.

— Quê?

— Eles dois fazem um casal bonito, pena que ela… bem… É ela.

— Como assim? — Viro-me e encontro um homem de cabelos escuros, mais baixo e magro, encarando-me.

— Você é um dos maridos das amigas, certo? Os amigos de Dylan estão naquela roda, então você não é um deles — o homem diz com um riso, como

se estivesse pronto para me contar um segredo. — E as mulheres falam, certo? A sua também, aposto.

— Eu o conheço? — pergunto, encarando-o, sentindo algo de errado com aquele homem. *Que conversa aleatória com um desconhecido.*

— Me desculpe… Me chamo Wesley. Sou amigo de infância de Erin… e, bem, outras coisas mais.

— É mesmo?

— É uma pena que ela tenha que se sujeitar a isso, mas sempre teve esse sentimento de grandeza, não é? Querer ser rica, bancada… Nunca acreditou muito na gente.

— Espera… Está me dizendo que você e a noiva…? — Não termino a frase, mas sei que ele entende minha insinuação.

— … que ela vai me "visitar" às vezes? Claro, ela gosta de mim, só precisa ficar com ele — diz e toma a bebida inteira em apenas um gole. — Não vou continuar aqui. Acredita que ela me convidou para ver isso? Merda… É uma mercenária, mas amo essa mulher!

O quê?!

Olho ao redor e não acho o homem que acabou de falar comigo. Ele plantou a semente na minha cabeça e agora quero pagar para ver. Erin é uma interesseira? Passo a próxima meia hora ouvindo os comentários das pessoas e começo a ficar nervoso com o que está acontecendo a meu redor. Algumas mulheres comentam sobre como ela "teve sorte", "conseguiu uma boa poupança", "fez um investimento em forma de casamento", que vai ser "bancada", vai "limpar o nome" e que nunca mais vai "precisar levantar um dedo para nada".

No final de meia hora entreouvindo conversas, estou vendo vermelho e convencido que Dylan está tomando um golpe de uma interesseira que não gosta dele. Observo os dois juntos, e ela foge do olhar dele. Ele a procura, mas ela não parece corresponder, olhando para baixo ou apenas vendo a conversa a seu redor. *Será que ele não vê?* Tenho medo de estar sendo injusto e envio uma mensagem para um amigo meu da Filadélfia checar Erin. Se ela tiver qualquer erro em seu nome, vou saber amanhã de manhã.

Alguém chama Dylan e, da ponta da sala, vejo Erin sozinha. Caminho em sua direção quando um furação loiro passa por mim, como se não estivesse me vendo. Ela continua pequena, cheia de curvas e com cabelos cacheados indo para todos os lados.

— Ora… Se não é Julie Morgan.

— Se não é o saquinho de merda… — ela responde, e aquilo me causa mais risadas do que raiva. É um cumprimento bem ao estilo de Jules. Ela continua a andar e a seguro pelo braço, fazendo-a me encarar.

— Você já foi mais educada, Jules.

— Pode me soltar, por favor? — ela pede, olhando minha mão com desprezo.

Encaro-a detalhadamente. O tempo fez bem para Julie. Seus olhos verdes se acendem de raiva por está-la forçando a me encarar. Ela está deliciosa com esse vestido longo vermelho. Meu corpo reage imediatamente àquele toque — como fazia quando eu tinha treze anos — e sinto o choque de sentir sua pele em meus dedos. Que tipo de energia maluca é essa que me arrepia só de encostar em Julie?

É ódio. O mais puro e simples. Posso apostar.

— Sabe onde está Dylan?

— Nem ideia. Você já é grandinho, pode procurá-lo sozinho — ela responde e puxa o braço, olhando rapidamente para onde minhas mãos tocaram sua pele, caminhando para outra direção. *Julie Morgan é doida e mal educada. E irmã de uma possível golpista.*

Quando chego perto de Erin, Dylan está a seu lado novamente. Sei que estou sendo frio com minha futura cunhada, mas não consigo me controlar. Depois vou ouvir do meu irmão mais velho, tenho certeza disso, mas prefiro isso do que ter que procurá-lo na manhã seguinte explicando que ele caiu no encanto de uma golpista. O casamento está programado para daqui a dois meses, e é melhor fazê-lo resolver isso antes de um processo de divórcio de muitos milhares de dólares.

Consigo fingir bem durante o resto da festa. Em algum momento entre dançar com a minha mãe e ter uma conversa mole com amigos da família que não me viam desde o ensino médio, alego cansaço e aviso que estou indo embora cedo. Espero a fala de Dylan, e graças a Deus não preciso fazer um discurso de padrinho. Volto para o hotel em que deixei minhas coisas mais cedo.

Meus planos eram ficar apenas este final de semana, almoçar com Dylan e mamãe, ter um tempo em família e voltar para o treino de segunda-feira. Talvez eu precise de mais dias se minhas suspeitas estiverem certas.

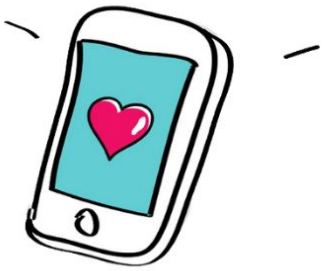
Mamãe queria que eu ficasse com ela — ela não mora na casa de Dylan, onde aconteceu a festa, porque diz que tem memórias ruins. Eu entendo —, mas gosto do meu espaço, então me hospedei no Capitol Plaza, o melhor da cidade.

Quando chego ao meu quarto, desabo de cansaço, dormindo com a mesma roupa da festa de noivado. No instante em que acordo, oito horas depois, as mensagens estão ali. Erin Morgan, desempregada, diversos empregos mal remunerados que duraram menos do que seis meses. Vinte e dois anos, não foi para a universidade. Ainda mora com a mãe. Vinte mil dólares em dívidas não descritas.

É isso. Meu irmão precisa saber. Vou protegê-lo. Sua noiva é uma golpista.

Capítulo 3

Julie



Estou cansada. A festa de noivado levou todas as minhas energias. Erin e mamãe me pediram ajuda para arrumar, mas ninguém deixou claro para mim que a ornamentação da casa era inteira da minha responsabilidade. Dirigi como uma louca para a floricultura e trouxe tudo que tinha na loja para montar um ambiente dos sonhos para minha irmã mais nova.

Na segunda, terei que ver como fazer para resolver meu estoque para entregar os pedidos a tempo. Com o dinheiro curto, tive que demitir dois funcionários, e agora sou eu me redobrando entre entregas, arrumação e gerenciamento do negócio. Estou cada dia mais cansada e pronta para desistir. Só sou orgulhosa demais para aceitar minha derrota e aceitar que, aos vinte oito anos, ficarei sem emprego e carreira. Uma fracassada.

Esse final de semana é para celebrar o amor. Ser feliz com a minha família. Depois da surpresa da arrumação da casa, achei que só estaria ali, tomando um champanhe e sorrindo. Ledo engano. Mamãe me pediu para ajudar com o pessoal da cozinha. Corri de um lado para outro a noite toda, cuidei de pessoas e quase perdi o discurso de Dylan porque tive que conseguir mais gelo para os convidados.

Ficarei o final de semana em Montpelier — a floricultura ficará fechada, e me sinto culpada pela decisão —, porque Erin quer que eu prove o vestido

de madrinha e peça as alterações. Ela inclusive deixou claro que devo ir com saltos altos para um "melhor efeito". Estou morta de cansada e terei que acordar cedo porque Erin marcou sábado de manhã para se encaixar na minha agenda. Eu invejo o vigor da minha irmã mais nova, que estará linda e reluzente mesmo tendo tomado oito taças de champanhe. Sinto saudade dos meus vinte e dois anos.

Minha energia também foi drenada por outro motivo: "Lukifer" Wilson. Ele chegou com seu nariz empinado de milionário e achou que tinha direito de me tocar. O meu ranço por ele é tão grande que minha pele se arrepiou, senti uma coisa estranha dentro de mim, uma reação que só sinto quando estou perto dele. Aquele pedaço de tifo de rato. Com muitas respiradas fundas e força de vontade, evitei maiores xingamentos. Eu tinha prometido a Erin não estragar a noite dela.

— Você não está com uma cara boa — diz minha mãe, vendo-me descer a escada de casa e ir em direção à cozinha.

— Acabei de acordar e dormi menos de cinco horas. É a cara que posso oferecer.

— Coloque uma maquiagem, meu amor… Tome um café — ela diz e enche uma caneca, estendendo-a para mim. — Sua irmã já foi. Queria passar no canil primeiro, mas vai te encontrar no estúdio.

— Ela ainda está ajudando no canil?

— Vai lá todas as semanas, brinca com os animais, ajuda a limpar e vem para casa. É um voluntariado melhor que da outra vez, ela não soube lidar com os bichinhos sendo sacrificados…

— Eu sei… Algum dia ela vai amadurecer, mãe?

— Sua irmã é protegida, querida. Nós tentamos tanto fazer ela não sentir a morte do pai de vocês que ela terminou essa flor que não sabe lidar com coisas que a magoam.

— Tenho medo do que o mundo pode fazer com ela. Nem Wesley estragou isso nela.

— Mas, nesse caso, o mundo está errado. Não ela.

— Eu sei… — digo e tomo um gole do meu café. — Preciso ir. Erin disse dez da manhã e são quase isso.

— Sim… Sabe se ela convidou a mãe de Dylan?

— Não sei de nada, mãe. Erin só pediu para eu aparecer na loja com um salto alto.

— Não consegui conversar com ela… Sabe, nós duas éramos melhores amigas quando você e Lucas nasceram. Ela não quis manter contato na época que foi embora e nem quando voltou. Não a procurei. Talvez com nossos filhos casando…

— É bom retornar suas amizades, mãe. Lembro como eram amigas — falo com sinceridade. Às vezes, acho minha mãe muito sozinha, mesmo com minha irmã ainda morando em casa.

— Você sabe, se eu tivesse que apostar em um casal de filhos para casar, seria você e Lucas. Eram inseparáveis, lembra como…

— Ei… Não me coloque na mesma frase que esse porco sebento.

— Sabe, querida… Do ódio ao amor é um pulo — ela responde rindo.

— Estou muito atrasada, e é por isso que vou correr agora. Senão, continuaria essa conversa fascinante e iria ensiná-la pelo menos uns cinco xingamentos novos — digo com ironia e subo as escadas em direção ao banheiro.

Tomo um banho rápido e meia hora depois chego na frente do estúdio de noivas da cidade, perto da praça principal. Erin está com um vestido de verão, um cardigã colorido e um cabelo em um rabo de cavalo alto. Ela é tão bonita e delicada que às vezes a invejo. Vai casar antes de mim e tem um noivo que é louco por ela. Ela é boa, simpática, linda e parece que vive em uma nuvem de algodão doces com unicórnios falantes.

Eu, por outro lado, estou sempre de jeans, camiseta e com meus cabelos loiros cacheados indo para todas as direções. Todo o ar angelical que Erin tem, parece que em mim se tornou um desenho malfeito da *A garota da porta ao lado*, mas mais desajeitada e sem talento para flertar.

Gosto da beleza das flores, da arte que aparece em minhas pinturas. Gosto de como meus arranjos dão afeto e amor para as pessoas, mas isso não se traduz na minha personalidade. Não sou virgem, mas estou longe de ter um relacionamento estável. Vinte e oito anos, solteira, com um negócio com dívidas e com mais dúvidas do que certezas.

— Você veio de salto como eu pedi — ela afirmou olhando para os meus pés. Apesar de andar engraçado pela falta de jeito, estou usando as malditas sandálias de tiras douradas. Ela não precisa saber que saí de casa de sapatilha e só coloquei esses dez centímetros de penhasco da morte no carro.

— Comprei um para o casamento, se essa é sua pergunta. Por que a madrinha não pode usar um tênis mesmo? — pergunto sorrindo e vejo minha

irmã abrir um sorriso de orelha a orelha por eu ter feito como ela pediu.

— Você vai ver, dá toda a diferença ver o caimento já com o sapato. O efeito vai ser espetacular! — Erin diz e fica quieta, olhando para sua bolsa. Ela pega o celular e sorri para o aparelho quando vê o nome de Dylan. *Eles são tão enjoados juntos*.

— Vou entrando… — respondo e olho para a porta, onde a atendente nos encara sorrindo, esperando nossa aproximação.

— Não, espera… — ela diz, pegando meu braço para me fazer parar de andar enquanto fala para o telefone: — Oi, amor! Que surpresa a ligação…

O rosto de Erin se derrete no momento que ouve Dylan falar do outro lado da linha. Seus dedos apertam mais meu braço, e ela parece definitivamente verde. *Alguém morreu? Posso sonhar que foi Lucas?*

— Não estou entendendo, isso é mentira, amor… Como assim Lucas ouviu? Não… espera, precisamos conversar, não pode ser assim… — Erin diz, aumentando uma oitava de voz, quase começando uma crise de choro no meio da rua.

Dylan desliga, e Erin me olha sem reação por alguns segundos. Fico ainda mais preocupada. O que aconteceu?

— Está bem? Dylan está bem?

— Ele acaba de cancelar o casamento — ela responde simplesmente antes de cair desmaiada.

***

A pobre atendente sai correndo da loja quando vê Erin cair e me ajuda a colocá-la no meu carro. Cinco minutos depois e com minha irmã grogue e chorosa, começo a ouvir coisas sem sentido sobre Lucas ter "desmascarado o plano dela", de ela ser uma interesseira. Aquele ovo pobre com pernas não perde por esperar. Quando chego em casa e mamãe diz que pode ficar com Erin, corro para meu automóvel novamente. Dirijo até o Capitol Plaza, xingando-me por não ter trocado os sapatos altos, e estaciono de qualquer jeito na frente do hotel.

A atendente tem esse risinho profissional, garantindo-me que não existe nenhum Lucas Wilson ali. O cabeça de bosta deve pedir para ficar anônimo já que ele é famoso, aff. Quando percebo que ela não vai cooperar, viro as costas e subo pelo corredor, enquanto ela grita "Senhorita! Senhorita!" pelas

minhas costas. Dane-se, tenho uma missão e não vou sair dali antes de falar com Lukifer.

Toco em três portas — e peço desculpas quando vejo que ele não está em nenhuma delas — antes dela vir correndo dizer que vai chamar a segurança. Eu a ignoro e continuo corredor abaixo. Sinto a moça atrás de mim, tentando todo tipo de argumento, mas não me importo. Em circunstâncias normais, seria mais razoável e a respeitaria, mas agora sou uma mulher com uma missão.

— Ei… tudo bem — ela diz sem fôlego, olhando-me derrotada. — Ele está no 307, mas, por favor, pare com isso. Vão me demitir se descobrirem que deixei você perturbar os hóspedes.

— Muito bem, você foi de grande ajuda. Prometo ficar quietinha enquanto mato esse homem — respondo e marcho em direção às escadas para o andar seguinte, e ela corre atrás de mim, esbaforida.

— Por favor… não pode…

— Está tudo bem — falo, interrompendo-a, e mostro minhas mãos como símbolo de paz. — Não vou matá-lo porque ele não merece que eu seja presa por isso. Mas talvez haja agressão, não prometo nada.

— Senhorita… — A recepcionista tenta uma última vez enquanto sua voz some. Continuo a subir as escadas e percebo que ela desistiu de me perseguir.

Quando chego ao terceiro andar, observo porta a porta até encontrar o 307.

Bato na porta, esperando Lucas abrir, pensando todos os xingamentos que posso usar. Ele foi longe demais mexendo com a minha irmã mais nova.

— Você é um idiota — falo assim que ele abre a porta. — Não entendeu o que você fez, seu *cheerleader* do capeta?

— Salvei meu irmão de uma aproveitadora que só está de olho na fortuna dele.

— Ora, seu…! — Entro e o empurro, ficando mais irritada com esse sorrisinho de canto de boca que ele me dá no mesmo momento que bato a porta atrás de mim. — Ela está muito mal, seu irmão também não deve estar melhor.

— Mas vai passar. O importante é evitar que ele se envolva com uma mulher que não presta e… AI! — Lucas grita quando meu sapato bate na sua

bochecha. Sabia que esse sapato que Erin me obrigou a usar serviria para alguma coisa.

— Olha como fala da minha irmã!

— É verdade… E não adianta jogar mais um sapato em mim — ele diz, e me abaixo para pegar o outro salto alto, segurando-o como uma ameaça. — Só vai conseguir voltar para casa descalça.

— Tenho uma sapatilha no carro, VIM PREPARADA PARA ISSO! — respondo e jogo o sapato seguinte, que cai na testa de Lucas, deixando uma marca vermelha que me satisfaz.

— Já chega! Fora! — ele fala e me empurra para a porta, colocando suas mãos nas minhas costas.

— Por que você acha que ela é uma golpista?

— Eu a investiguei… E esse homem, magro, cabelo escuro, disse que… Wellington alguma coisa…

—WESLEY?! — grito o nome com raiva. — Você é muito burro, Lucas Wilson. Wesley usou você e nem percebeu.

— O que está dizendo? — Ele me encara confuso e ainda empurrando-me para a porta.

Sua mão quente toca meu braço e sinto minha barriga tremer, como se um milhão de borboletas estivesse lá dentro. É ódio o nome. *Deus... como o odeio.* Fujo de seu toque, dando alguns passos para trás e colocando distância entre nós dois.

— Wesley é ex-namorado de Erin. Ela teve que pedir uma medida protetiva contra ele. Ele é uma merda de um perseguidor mentiroso que não aceitou que o relacionamento deles acabou. Há cinco anos, tive que sumir com a minha irmã porque ele era um bosta que gostava de ameaçá-la e ela era menor de idade.

— É mesmo? E faz parte do plano falar coisas pra desconhecidos?

— Você come cocô, Lucas? Você está longe de ser desconhecido. O que falou com ele?

— Ele me perguntou se eu era marido de uma das amigas. Deixei ele pensar isso…

— Merda, Lucas, você é inocente, viu? Você está na NFL, jogando em um time grande. É o tesouro de Vermont. Acha mesmo que ele não sabe quem você é e de quem é irmão?

— Não é verdade… — ele diz, mas posso ver o toque de incerteza em seu olhar. *Ah, baby… você fez uma merda muito grande.*

— A sua cara está estampada em várias lojas de esporte do estado. Você errou muito feio. Estragou a felicidade do seu irmão porque é um implicante, não gosta de mim e da minha família.

— E as amigas? — Lucas me interrompe com a pergunta, e eu solto um suspiro frustrado. — E vamos lá… Ela é desempregada! Dylan paga tudo pra ela.

— Erin é… como vou dizer… uma péssima funcionária. Eu a coloquei na minha loja e um mês depois tive que demiti-la porque ela dava flores para todo mundo porque achava que precisava alegrar o dia delas. Dar as flores que eu vendia, entende? Esse é o tipo de pessoa que ela é. Que ficou triste quando trabalhou em um canil e viu animaizinhos serem sacrificados, que começou a ajudar cuidadores para chegar em lágrimas quando idosos morriam. Não vou deixar você e seu veneno caírem sobre ela.

— Ah, vamos… O que é isso? Uma novela? Um livro de romance? Ela não pode ser tão inocente!

— Não é ser inocente, é ter um coração bom, ao contrário do seu. Ela sofreu muito com Wesley. Acho que o sonho dela é mais simples do que a gente pensa. É ser mãe em tempo integral, cuidar dos filhos, de Dylan. Ela foi feita para isso, e você estragou tudo para ela e para o seu irmão. Você a conheceu… conviveu com ela. QUAL É O SEU PROBLEMA?

— Bem… — ele diz e passa a mão nos cabelos, desarrumando-os como se estivesse confuso. Eu tento me controlar, apesar de saber que Lukifer merece cada grito. — Aquelas garotas diziam que ela ganhou na loteria e…

— Eu sei que você esqueceu como essa cidade funciona, mas essas garotas têm inveja dela. Pura e simples…

— E os vinte mil? — ele indaga rápido, como se fosse um jogo de perguntas e respostas da televisão.

— Ela gastou isso com advogados, idiota. A ordem de restrição não acontece de graça, sabia?

— O que ele fez?

— Wesley bateu nela, ela ficou muito mal. Ela perdoou algumas vezes, mas, quando decidiu terminar, ele não aceitou bem, a perseguia, ameaçava, aparecia na nossa casa sem ser convidado. Depois da ordem de restrição, ela conseguiu ir em frente. Conheceu Dylan, estava feliz.

— Jules…

— Não! Você conhece a cidade. Sabe o jeito que essas mulheres falam. As pessoas a julgaram quando ela denunciou Wesley. Era melhor ela ser um saco de pancadas do que se expor desse jeito. Era o pensamento dessa gente.

— Acha mesmo que fiz merda? — ele me pergunta, olhando fundo nos meus olhos, e por alguns segundos vejo o garoto frágil que era meu amigo na infância.

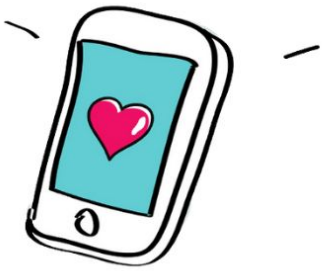
— É o seguinte. — Pigarreio, tentando afastar essa imagem vulnerável de Lucas. Pego um cartão da floricultura onde tem o meu número de celular e estendo para ele. — Este é meu número. Esquece esse seu ascendente em escorpião e supera logo isso. Vou pensar no que fazer para juntar os dois. É melhor você arranjar um plano mil vezes melhor que o meu.

— Mas…

— E quero meus sapatos de volta. Vou ser madrinha com eles! — falo rápido, não o deixando completar a frase. Abro a porta, batendo-a com força atrás de mim. Esse saco de chorume se meteu com a família errada.

Capítulo 4

Lucas



Foi uma conversa desagradável com meu irmão.

Depois que as informações chegaram, liguei para ele, chamando-o para tomar um café. Encontramo-nos em uma pequena cafeteria perto do hotel. Quando expliquei o motivo do encontro, ele negou, quis levantar. “Clássico de Lucas que sabe tudo”, ele murmurou entredentes.

Quando mostrei os documentos que recebi no telefone, ele me ouviu. O relatório, a dívida. Fiquei triste com o quão quebrado ele parecia, mas sabia que estava fazendo o certo. Tinha contato a verdade sobre sua noiva, o protegido de um golpe. Prometi-me nunca deixar meu irmão sofrer e sabia que Erin tinha poder de destruí-lo. Meu irmão ficou mexido e ligou para Erin do café onde estávamos.

Fiz o que achei certo.

Agora, não tenho tanta certeza.

A visita de Julie me fez duvidar. Talvez tenha sido passado para trás como ela insinuou — ou talvez ela também esteja tentando me dar um golpe para ajudar a irmã. Estou confuso e preciso de informações antes de fazer qualquer coisa. Pedi para meu contato mandar um relatório completo. Agora, só me meterei no noivado do meu irmão com certeza do que estou fazendo.

Olho para o chão do quarto de hotel e vejo os dois sapatos de Julie. Ela saiu daqui puta e descalça. Continua com o humor de mil infernos, xingando-me de jeitos criativos. Sorrio, olhando para a sandália dourada. *Merda, ela estava gostosa, principalmente com raiva.* Não irei cair no encanto de Julie de novo, já foram anos demais tentando superar. Estou na cidade por Dylan e por ele somente.

Encontro minha mãe em sua casa, e Dylan não aparece para o almoço. É tranquilo. Nós demoramos alguns anos para reatar nossa relação. Ela nos procurou no momento que soube sobre a morte do nosso pai, e houve algumas arestas a serem aparadas. Como irmão mais velho, Dylan foi mais responsável, centrado. Eu achava que ela só estava nos procurando pelo cheque de muitos milhões que eu recebia na NFL.

Meu irmão ficou na cidade enquanto fui atrás do meu sonho de jogar. Em muitos pontos, achava que o tinha deixado para trás. Quando o dinheiro começou a chegar, quis prover, ajudar, mas Dylan sempre foi orgulhoso demais para deixar. Investigar Erin Morgan é um exemplo de até onde minha superproteção pode chegar.

Quando minha mãe nos disse por que tinha ido embora, ainda assim fiquei puto. Achei que ela poderia ter lutado por nós dois. Dylan me chamou para conversar, voou até a Philadelphia e esfregou na minha cara de que todos estavam errados na história: ela nos abandonou, mas deixou de ser saco de pancadas de um homem muito maior em tamanho e peso. Mamãe era uma mulher pequena e franzina de um e sessenta de altura, papai tinha quase dois metros. Dylan e eu também. Ela aguentou até ter certeza de que, se meu pai tentasse nos agredir, iria apanhar de dois homens tão fortes e altos quanto, e ainda mais novos.

Depois disso, as coisas foram encaixando-se aos poucos. Demoraram anos, mas hoje posso sentar com minha mãe e ter uma boa refeição, sem sentir os sentimentos confusos da época que ela foi embora. Há dois anos, depois de Dylan insistir que ela deveria estar mais perto, minha mãe voltou a morar em Vermont, e parece à vontade em sua cidade natal.

— Mãe, o que acha de Erin? Ouvi coisas sobre ela ontem e… — pergunto, vendo-a levar os pratos para a lava-louças.

— O que você fez, Lucas?! — ela me interrompe, virando-se para mim. Minha mãe coloca as mãos na cintura como se fosse brigar comigo e eu tivesse dez anos. Ainda é assustador.

— Ontem ouvi umas histórias absurdas sobre a noiva do meu irmão e pedi para investigá-la…

— Lucas! — ela me interrompe novamente, e eu levanto a mão para fazê-la parar.

— Descobri algumas coisas e acho que ele está tomando um golpe. Conversei com ele hoje de manhã, eles romperam e…

— … eles romperam?! — ela exclama por cima de mim.

— A questão é: a irmã dela foi me procurar, pedi um novo relatório sobre ela. E se eu meti os pés pelas mãos? E se estava errado?

Solto um suspiro e externo pela primeira vez minha preocupação. *E se tiver destruído a felicidade de Dylan?* Minha mãe se aproxima e coloca a mão no meu ombro, fazendo um carinho leve.

— Seu irmão confia em você de olhos fechados, deveria ter mais cuidado com esse tipo de confiança. Acha que estragou a felicidade do seu irmão, não é? — ela diz com a voz baixa e delicada.

— Sim… E não sei o que fazer se tudo o que falei para ele for uma grande idiotice.

— Terá que consertar as coisas. Eles se amam.

— Ela não parecia…

— Erin é mais tímida que uma ostra — minha mãe fala, fazendo um carinho delicado em meu rosto. — Só a vejo mais aberta e sorrindo com os mais próximos e com animais. Ela ama bichos, vai fazer da casa dela e Dylan um zoológico. É tão boazinha… vai ser passada para trás o tempo todo.

— Então ela pode não ser capaz de um golpe do baú? — Encaro minha mãe, preocupado, e sinto minha testa franzir. *Estraguei tudo?*

— O que quer que seja que ouviu ou descobriu, descubra se é realmente verdade e conte para seu irmão. Se estiver errado, seja homem suficiente para tentar juntar esses dois de novo, porque seu irmão estava feliz antes de você vir visitar, Lucas.

Depois da conversa com minha mãe, o pensamento de que me apressei em falar com Dylan sem saber mais informações não sai da minha cabeça. Não troquei mais do que duas frases com Erin, mas tinha implicância por causa de Julie. Eu queria proteger Dylan e talvez tenha cometido um erro.

No instante que volto para o hotel, olho o material enviado com outros olhos. Vinte e dois anos, desempregada, com dívidas — que Julie garante ser

do processo contra o ex-namorado.

"Ela dava flores para todo mundo porque achava que precisava alegrar o dia delas. Ficou triste quando trabalhou em um canil e viu animaizinhos serem sacrificados, começou a ajudar cuidadores para chegar em lágrimas quando idosos morriam". Ouço a voz de Julie em minha cabeça.

Quando o e-mail com mais informações chega, sei que fiz uma merda. Uma merda grande e fedida, e agora preciso achar meu irmão e contar a verdade.

***

Leio tudo com atenção, olhando e reanalisando. Um erro foi o suficiente nessa história toda. Já passa das dez quando corro para meu bairro da infância, para a casa enorme dos meus pais onde Dylan mora atualmente. Desde que ele se mudou, transformou a decoração, colocou uma casa da árvore, e sei que ele estava se preparando para ter uma família que enchesse todos os cinco quartos da casa.

Toco a companhia, mas ninguém atende. Dylan saiu do café dizendo que precisava pensar e que estaria em casa. Onde meu irmão se meteu? Ligo algumas vezes para seu telefone. A noite silenciosa do subúrbio de Montpelier me faz ouvir um toque de celular baixo do outro lado da porta. *O idiota está em casa e não quer me atender.*

— Dylan, eu sei que está aí… Abre a merda da porta! — grito, batendo com os punhos na porta de madeira. O som ecoa alto pela rua e sei que a qualquer momento algum vizinho vai chamar a polícia.

Encaro o jarro onde a chave extra costumava ficar e percebo que Dylan manteve a tradição da família. Não quero pensar muito sobre estar invadindo minha antiga casa, mas meu irmão me deixou preocupado e me sinto culpado. Abro a porta, fecho-a em minhas costas. Ando alguns metros até encontrá-lo sentado no chão, com as costas no sofá e uma garrafa de vodca nas mãos. Seus olhos estão fundos, quase fechando. *Será que ele bebeu desde de manhã cedo?*

— Oi, Dylan.

— Achei que tinha entendido que não quero visitas.

— Precisava saber como estava depois de hoje.

— Que hoje? Quando terminei meu noivado porque a mulher que eu amo não presta e é uma golpista?

— Sobre isso…

— É bom, sabe? Erin é imatura, tem vinte e dois anos. Tenho quase dez anos a mais que ela. Iria me largar como a mamãe — ele me interrompe em uma voz enrolada de bêbado.

Aproximo-me, sento-me do seu lado e peço pela garrafa em silêncio. Quando ele me passa a bebida, dou um gole grande, suspiro e digo:

— Eu estava errado.

— O quê? — Dylan me encara confuso.

— Erin não é uma golpista, merda… Parece não ser.

— Como assim?

— Ela só é desempregada e com uma dívida. Julie me falou sobre o ex-namorado perseguidor e…

— Que ex-namorado?

— Wesley… Pensei que sabia.

— Está vendo? Uma mentirosa… manipuladora… — ele diz e fica com o olho vidrado, olhando para o nada. Encaro-o mais detalhadamente e vejo sua visão injetada, a lágrima solitária enquanto ele coloca a mão sobre os olhos. — Por que Erin fez isso comigo?

— Dylan, você ouviu? Ela não fez. Eu fodi tudo. Vocês precisam conversar…

— Estou bem… Estava com saudade de ser solteiro. Uma mulher só nunca foi o que eu quis, só aconteceu — ele completa com a voz mais baixa, dando de ombros. — Mas deixa pra lá… Quer sair, irmãozinho? Você nunca saiu por Vermont de qualquer maneira, foi embora antes que pudesse beber aqui! Vamos para um bar…

— Você vai tomar um banho e dormir, isso sim. Tenho um casamento para consertar amanhã, quando você estiver sóbrio.

— NÃO VOU ME CASAR, JÁ FALEI!

— Dylan, vamos levantar — falo e estendo a mão para meu irmão, que a pega e demora alguns bons segundos entre se levantar e se equilibrar. Pelo cheiro dele e de suas roupas, posso apostar que não é a primeira garrafa.

— Posso fazer isso sozinho! — ele diz, mas dois passos depois encaixa seu braço em meu ombro, e o ajudo a subir as escadas.

— Tudo bem por aí?

— Só queria… preciso… — ele fala confuso. — Onde está Erin? ERINNN!

— Fale baixo, está tarde!

— Quero perguntar por… por que ela fez isso! — Dylan explica de forma enrolada. — Preciso saber…

— Um banho gelado, cama e amanhã vocês conversam.

— Não quero falar com ela nunca mais… Dói, irmão. Dói pra caralho — ele diz com a voz quebrada, quase lúgubre. *Que merda eu fiz.*

Depois de fazer malabarismos com um Dylan completamente bêbado, ele está de banho tomado e roupa trocada. Coloco-o na cama e ele apaga quase imediatamente. Enquanto o observo dormir, penso em suas palavras quando ele me contou que ia pedi-la em casamento, o quão feliz estava. Como o restaurante era importante para os dois.

Era isso.

Mando uma mensagem para meu assistente pessoal na Filadélfia. Deus sabe que está tarde, mas Jordan irá saber como fazer as coisas. Peço para ele reservar o Sarducci's para amanhã à tarde pelo preço que for. Levarei Dylan e Erin e os obrigarei a conversar depois de confessar como fui um intrometido idiota. É um plano perfeito.

Assim que escrevo o e-mail, lembro do cartão de Julie.

Lucas
Tenho um plano

Julie
Quem é?

Lucas
Lucas, Julie. Você sabe quem é.

Julie
Ah sim… é que só reconheço você como mula manca.

Sorrio para a mensagem e não resisto a uma vontade súbita de ouvir a voz de Julie. Já é madrugada, mas ela está acordada e respondendo de qualquer maneira.

— Você ficou mais criativa conforme os anos passaram — falo sem nem mesmo cumprimentá-la.

— *Não te falaram que é má-educação ligar para as pessoas de madrugada?* — ela pergunta em voz baixa e boceja do outro lado da ligação.

— Te acordei?

— *Não, estava com Erin. Estou na minha mãe, elas já estão dormindo.* — Ela suspira. — *Minha irmã não para de chorar, não entende bem o porquê. Você fez uma merda muito grande, sua peste bubônica.*

Não consigo controlar, e meu pensamento viaja para seu quarto de infância. A quantidade de vezes que a imaginei ali, nua… Jules pronta para dormir, com apenas o cobertor para protegê-la do frio. Meu pau fica duro somente com o pensamento.

— Você tem toda razão… Estou com meu irmão. Eles são loucos um pelo outro. Dylan está sofrendo como Rocky gritando "ADRIANN!" depois da luta — digo.

— *Eu sei, certo! Erin está agindo como quando mataram o cachorro de John Wick* — Julie responde empolgada.

— Vingativa? — pergunto rindo.

— *Merda, não… Toda a parte de terem tirado a coisa que ela mais amava e…* — ela se interrompe, como se não pudesse estar empolgada demais falando comigo, e muda o tom de voz para um mais sério, voltando a falar baixo. — *Mas enfim… O que vai fazer?*

— Vou fechar um restaurante para eles dois conversarem. Chamo Dylan e você Erin. Fingimos que é um almoço entre irmãos. O Sarducci's é importante para os dois…

— *E você pede desculpa…* — ela diz do outro lado da linha.

— E eu peço desculpas.

— *E se eles não colaborarem?*

— Eles vão… A culpa é minha, assumo. — Suspiro. — Vou confirmar tudo e te aviso o horário. Meu assistente deve resolver isso pela manhã…

— *Ah, como a vida dos milionários é difícil* — ela interrompe, ácida.

— Sim… Horrorosa. Às vezes, choro e seco minhas lágrimas com meus dólares — respondo e ouço um barulho abafado do outro lado que tenho

certeza ser uma risada. — Vou consertar a cagada que eu fiz. Erin e Dylan vão se acertar e vou conseguir meu lugar de padrinho.

— *Isso não é sobre você, leonino. Aposto que você também tem o meio do céu em Leão!*

— Te vejo amanhã, Julie — respondo rindo.

— *Tchau, Luke.*

— Luke, é? — pergunto rindo.

— *Quero dormir e não consigo pensar em nenhum outro xingamento. Acho que você terminou com todo o meu repertório do dia.*

— Senti saudades suas, Julie — sussurro e me arrependo imediatamente.

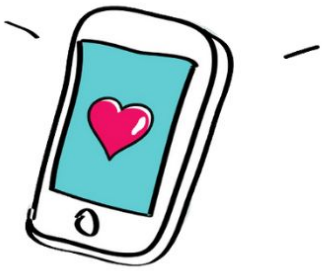
Penso muito nela, no que eu fiz, no jeito que deixei de ser amigo dela e no porquê… Julie foi muito importante para mim. Ainda é, porque pensar nela ainda desperta o mesmo sentimento estranho no peito, as lembranças doces. *Cresça, Lucas. Isso é sobre seu irmão.* Você mora em outro estado. O barco com Julie já partiu há muitos anos. Você o deixou partir…

— *Eu também, Lucas* — ela fala em voz baixa depois de um silêncio longo. — Mas só vou falar isso agora porque estou cansada, com sono e é de madrugada. Amanhã você volta a ser o demônio. É melhor assim.

Ela desliga logo em seguida e fico encarando meu telefone com as palavras de Julie. *O que poderia ter sido se eu não tivesse sido um imbecil por tantos e tantos anos?*

Capítulo 5

Julie



A vida se tornou complicada quando Lucas voltou para ela. Antes, tudo era tranquilo. Minha vida, regrada. Minha família, sem dramas. Podem falar que sou implicante, mas no instante que esse homem tocou no chão de Montpelier, só causou confusão: me estressou na festa, rompeu o relacionamento da minha irmã e roubou meus sapatos!

Assim que saio do hotel descalça sob os olhos da atendente desesperada, dirijo para a casa da minha mãe. Erin está chorando, inconsolável em seu quarto. Mamãe esteve com ela esse tempo todo. Olhos inchados, cabelo em um coque desgrenhado. Raramente minha irmã parece desse jeito. Erin é sempre alguém de beleza natural, bonita até mesmo ao chorar. Quero arrancar os olhos de Lucas com minhas unhas só para ele sentir a mesma dor que estou sentindo por ver minha irmãzinha daquele jeito.

— Vamos para minha casa, não vou deixar você perto dessa família de loucos! — digo depois de muitas horas.

— Julie, não é o momento… — diz minha mãe, tentando me interromper.

— Claro que é — falo de forma um pouco irritada e me viro para minha irmã. — Você quer ir para lá, Erin? É perto ainda assim, afastado de Montpelier.

— Eu não… — Ela se atrapalha com as palavras. — Não sei. Não quero ficar longe de Dylan e…

Isso acontece por algumas horas. Ela se acalma o suficiente para dormir quando já passa de meia-noite.

Depois que Erin pega no sono, tomo um banho relaxante de banheira, com sais de banho, e passo alguns cremes. Quero estar maravilhosa e bem comigo mesma quando eu aparecer naquele hotel amanhã de manhã e der um soco na cara de Lucas. Com ele sendo famoso, as possibilidades de eu ser fichada são grandes e quero estar bem na minha foto da delegacia.

Estou pronta para deitar no meu antigo quarto no momento que um número desconhecido manda uma mensagem. "Tenho um plano". A única pessoa que poderia me dizer isso é Lucas. Ele quer levá-los para o Sarducci's e fazê-los conversar. Pode ser fácil ou difícil, dependendo de quão magoados Erin e Dylan estão, mas não tenho como negar que é uma boa tacada.

Quando dou por mim, digo que sinto saudades dele. *O que aconteceu?*

É isso, estou cansada, esgotada de toda a confusão de hoje. Só isso explica dizer que sinto falta do meu nêmesis. Fecho os olhos e me posiciono na cama, afofando meus travesseiros e cobrindo-me com o edredom.

Não pego no sono.

Fecho meus olhos e vejo aquele par de cabelos loiros me encarando, seu olhar caramelo com um toque zombeteiro… Lucas Wilson estava bem com roupa social na festa de noivado. Ele é lindo, forte, musculoso… Droga… Aqueles pôsteres com ele de uniforme justo. Cada maldito músculo da coxa delineado…

Estou divagando sobre Lukifer. *Não, Julie… Você precisa parar. Julie…*

— Ah…! — Suspiro alto e coloco o travesseiro no meu rosto, tentando me controlar enquanto sinto minhas pernas se fecharem tentando controlar a excitação.

Ele sempre me deixa molhada, com os mamilos sensíveis e o arrepio no corpo apenas por lembrar dele. Acontecia na adolescência. Acontece ainda hoje. Sempre tento esconder minha fascinação pelos pôsteres dele pela cidade, mas não consigo fugir da minha imaginação.

Não acredito que vou me tocar por ele.

De novo.

Porque, bem… Talvez tenha acontecido mais vezes do que posso contar.

***

Quando acordo, vejo uma mensagem de Lucas avisando que reservou o restaurante inteiro por todo o período da tarde. Disse que marcou com o irmão ao meio-dia e que nos espera lá. Como fazer Erin sair de casa depois da fossa de ontem?

Enquanto tomo café, vejo-a brincar com o controle remoto sem ver televisão. Erin está com a mesma roupa, com o cabelo ainda em um coque desarrumado e o rosto inchado.

— Ganhei um voucher do Sarducci's em uma promoção — digo em voz alta. — Sei que não quer ir lá porque o lugar é importante para você, mas a validade termina hoje e você precisa sair de casa.

— Julie, não quero sair… principalmente para ir lá! É muito cedo. Leve a mamãe — ela diz, gemendo ainda jogada no sofá.

— Ela está trabalhando hoje. Só me resta você.

Mamãe está realmente trabalhando hoje. Depois de anos no mercado e mais alguns outros se dedicando a ser mãe em tempo integral, ela se tornou cuidadora. Ela trabalha por escalas e não é incomum trabalhar aos finais de semana.

— Julie… — ela responde, resistente.

— Você precisa enfrentar as coisas. Todos os lugares têm memórias. Por favor… faça esse favor para a sua irmã! — falo e me sento a seu lado, abraçando-a.

Insisto mais algumas vezes, e Erin aceita. Ela é uma pessoa boa e detesto me aproveitar disso, mas é a seu favor. Sei que minha irmã está mal porque pega qualquer roupa — uma calça jeans larga e um casaco em que cabem três dela — e me encara desafiadora. Sei que ela está tentando dizer algo como "ou é assim, ou nem vou", mas não quero puxar nenhuma conversa que a faça desistir. Só pergunto se está pronta e saímos.

Assim que estacionamos, ela sai do carro e gela a meu lado. Quando viro, Dylan está ali com Lucas, encarando-nos.

— O que ela faz aqui? — ele pergunta alto. — Você disse que era um almoço de irmãos!

— E é. De um irmão tentando se desculpar com outro — ele responde e puxa Dylan até nós.

Eles são do mesmo tamanho, mas Lucas ganha a vida em uma posição de bloqueio, então obviamente ele não deixa Dylan fugir, mesmo com toda a resistência do irmão. Pela expressão do noivo da minha irmã, ele gostaria de estar em qualquer outro lugar menos aqui.

— Erin, oi! — Lucas diz simplesmente, virando-se para nós. — Não nos falamos direito, e eu sou um idiota. Sou a razão por que vocês dois romperam ontem e gostaria de me desculpar.

— O quê?! — ela pergunta confusa e me encara, como fazendo uma pergunta.

— Ouvi coisas de um cara chamado Wesley na festa. Sua irmã me contou quem é ele. Foram coisas que agora sei que são mentiras, assim como de outras mulheres que só estavam com ciúmes. Eu realmente, realmente, de verdade, sinto muito. Sou um imbecil e quero me desculpar.

— Você tem mesmo um ex que nunca falou para mim, Erin? — Dylan pergunta com um tom meio raivoso, e encaro Lucas. *Isso não parece estar dando certo.*

— Fiquei com vergonha e…

— Esse não é o momento. Lá dentro tem um almoço. Vocês podem comer com calma, conversar… Mas, por favor, saibam que quem estragou tudo fui eu. Por favor… — Lucas responde, interrompendo-os.

Erin olha para o chão e depois para mim. Confirmo com minha cabeça, e ela olha para a porta do restaurante. Dylan a encara profundamente por alguns segundos e concorda. Ela caminha na frente, e ele vai atrás, enquanto vemos o maitre abrir a porta.

Pela janela do lado de fora, é possível ver o quão sem jeito os dois estão, meio magoados e sem saber o que fazer. Se pudesse apostar, diria que eles nunca brigaram e que essa foi a primeira vez. Preciso dizer para Erin que algumas amigas me falaram que sexo de reconciliação é sensacional.

Lucas para ao meu lado, ainda os observando de onde nossos carros estão parados no pequeno estacionamento do restaurante. Estamos ambos quietos e tensos como em uma partida de futebol. Não sei se eles percebem que ainda estamos aqui ou se já foram para aquele mundo particular meio irritante em que vivem quando estão juntos.

No instante que Dylan procura pela mão de Erin na mesa e dá um sorriso tímido, solto o ar que estava prendendo. Eles parecem promissores. Acredito que a crise foi resolvida.

— Acha que deu certo? — Lucas me pergunta, ainda olhando para a janela do restaurante.

— Acho que sim, Erin tem um coração mole.

— Quer uma carona? Fazer alguma coisa?

— Ainda detesto você, filhote de cruz-credo — respondo ainda sem encará-lo. — E vim com o meu carro.

— Você precisa superar, Jules. Já foram dez anos e…

— Quem você acha que é para dizer o que eu preciso ou não superar? — Viro para ele meio irritada, interrompendo-o. Nós nos encaramos por alguns segundos, seus olhos cor de caramelo acessos de irritação.

— Você e seus xingamentos infantis já encheram minha paciência.

— Ah é? E o que você vai fazer? — retruco, inclinando-me para ele como querendo briga. *Esse demônio liberta o pior de mim.*

Sinto minha respiração agitada, minha pele queimando e vermelha. Uma energia de antecipação circula em meu corpo, como se fosse cair em um abismo. Nunca senti esse frio na barriga por ninguém. Lucas se inclina sobre mim, tomando minha boca de surpresa. Não é lento ou é tranquilo. Sinto-me eletrizar por seu gosto, seus lábios fechando-se contra os meus e respondendo com a mesma voracidade. Quero mais, tenho fome de mais.

Ele me puxa para mais perto, apertando-me contra sua excitação e quase fundindo-nos em dois. Minha cabeça racionaliza que estamos no meio da rua, mas meus pensamentos são engolidos por tudo que estou sentindo. Lucas devora minha boca em um beijo cada vez mais acelerado. Minhas mãos passeiam por seu corpo. Arrepio-me quando ele toca minha nuca. Esqueço quem sou, onde estou, e quero mais dele. Lucas geme baixo e sei que está sob o mesmo feitiço que eu, dando e recebendo tudo.

Uma buzina faz barulho muito perto e pulo para fora de seus braços. *Que porra aconteceu?* Estou aturdida, confusa…

A raiva sobe em minha cabeça e o empurro. Raiva e desejo. Eu o encaro, meus olhos caindo sob sua boca uma última vez. Tento controlar minha respiração errática dando alguns passos para trás, colocando distância entre nós.

— Seu idiota! — sussurro ainda com dificuldade de falar. *De pensar... Deus!*

— Mas um idiota que te faz tremer — ele responde tão baixo quanto, e sinto a energia fluir através de nós dois. Nunca o superei, eu sei. E o imbecil

aprendeu a beijar desde o ensino fundamental.

— Como se atreve a…

— Você me odeia, mas está molhada pra mim, não é? Pronta para ter o idiota na sua cama.

— Não preciso disso! — falo mais alto e me viro, afastando-me.

É verdade, uma voz na minha cabeça diz. Mas Lucas não precisa saber disso. Caminho para meu carro, ainda evitando olhá-lo quando ouço sua voz mais uma vez, gritando para mim com aquele sorriso cheio de segundas intenções que invade meus sonhos:

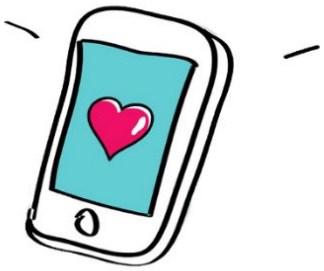
— Quanto antes você aceitar, melhor, Jules!

Entro no carro, dou a partida e, enquanto manobro, abro o vidro da janela e dou um dedo do meio para ele. Muito maduro, eu sei, mas é a forma que estou me sentindo. Lucas gargalha e me dá mais raiva.

O que foi que acabou de acontecer?

Capítulo 6

Lucas



Beijei Jules e foi bom para caralho. Não entendo a influência que essa mulher tem sobre mim. É como se nós dois juntos causássemos um incêndio, labaredas de um desejo que nunca senti por ninguém.

Quando ela sai correndo do estacionamento e entra no seu carro, estou duro como pedra, imprensado contra meu zíper, praticamente deixando marcas doloridas no meu pau. Graças a Deus é inverno em Vermont e faz frio o suficiente para que um casaco escondesse minha excitação.

Suspiro, tentando controlar minha respiração, e passo a mão no rosto sem acreditar no que acabou de acontecer. Por mais que Julie queira brigar, gritar e falar que não valho mais do que o pum de uma égua doente, ela me quer do mesmo jeito que eu a quero. *Merda… eu a quero, certo?*

Desde que a vi com aquele vestido de festa no noivado. Corrigindo. Desde nossa adolescência, quando comecei a reparar no belo par de peitos que ela tinha atrás dos nossos casacos juvenis.

Meu pensamento ia e vinha nela ao longo dos anos, mas desde a festa na sexta à noite, é como se um interruptor tivesse sido aceso na minha cabeça. Preciso matar esse desejo por Julie Morgan e, depois de hoje, sei que ela também o sente. Como falei, Jules só precisa aceitar. Uma vez será

suficiente e essa obsessão por minha paixonite da adolescência irá acabar, então poderei voltar a viver tranquilamente na Filadélfia.

Uma vez só. Talvez duas.

Olho para a janela onde Erin e Dylan sorriem um para o outro. Chamo o maitre perto da porta e entrego a chave do carro que aluguei para a viagem, pedindo para levá-la até meu irmão. Em Montpelier, as pessoas não me incomodam por ser famoso, e uma caminhada no ar frio parece ser o remédio para o calor que Julie acendeu dentro de mim.

Minha viagem foi programada para o final do dia. Tive dúvidas se conseguiria resolver tudo em Vermont e partir, mas Julie tinha razão: eles são loucos um pelo outro. Sinto inveja desse tipo de sentimento. Gosto da minha vida de esportista solteiro, mas, às vezes, quando vejo um casal apaixonado como Erin e Dylan, agora ou na sexta, durante a festa de noivado…

Merda… Julie estava linda com o vestido vermelho apertado em seu corpo naquele dia.

Tiro meu celular do bolso enquanto caminho para o hotel e não resisto a mandar uma mensagem para Julie. Sei que estou forçando a barra, mas danese. O que senti naquele beijo, o que ela me demonstrou sentir, está muito longe desse ódio todo. Aquilo é desejo puro e simples, e preciso fazer minha jogada.

Lucas
🍆🐶🍑😈

Julie
Por que você quer jogar água em uma berinjela e um pêssego e ficou com raiva disso?

Lucas
Julie, foca. Estou tentando um sexting aqui.

Julie
Você o quê? Vou bloquear você, seu pervertido!

Lucas

Vamos lá, Jules. Não é difícil.

Julie

Tá, o último emoji definitivamente tem cara de pervertido.

Lucas

Vamos lá, minha berinjela, seu pêssego. A gente suado e uma cara de segundas intenções.

Julie

As suas modelos têm 18 anos para entender essa linguagem?

Lucas

Jules! Você me irrita.

Julie

O certo é um taco, garotão.

Lucas

O quê?

Julie

Pêssego é bunda, taco é vagina.

Lucas

Então você me entendeu muito bem! Vamos, Julie, tenho algumas horas na cidade…

Julie

Só não bloqueio você porque preciso do seu contato até o casamento. Preciso saber o que fazer quando você tentar estragar tudo novamente.

Lucas

Mas ainda assim você gosta de mim. Acabou de sair daqui cheia de raiva e agora está me respondendo normalmente.

Julie
Você está beijando melhor pelo menos.

Lucas
Não sabe o que sou capaz com a minha berinjela.

Julie
🍒🍆

Lucas
O que significam cerejas?

Julie
A internet inteira está aí para você descobrir.

Mais tarde, embarcando para meu voo no aeroporto de Burlington, dou uma risada forte quando acho o significado: ela ia se masturbar.

Porra, Jules. Você não sabe a brincadeira que acabou de começar. O casamento vai acontecer oficialmente em seis semanas. Em um mês e meio, Julie Morgan estará na minha cama. E vou conseguir isso à distância, com o estado de Nova Iorque inteiro entre nós.

Como só preciso voltar aos treinos na quarta-feira, aproveito o tempo para cuidar da minha casa e descansar. Os dias passam com algumas bebidas, porcarias de comer e jogos de vídeo game. Reincorporo-me ao time. Os treinos são pesados, mas feitos para tirar o melhor de mim. Como ando sentindo meu tornozelo, não estou participando das atividades em campo e gastando todas as minhas energias na sala de fisioterapia.

Durante a semana, mando alguns emojis, mas Julie me ignora. Quando pergunto se "vai realmente me ignorar", ela continua me ignorando.

Ainda são nove da noite quando entrei na minha casa, depois de um dia desgastante. Desde que voltei de Vermont, sinto meu apartamento vazio,

como se morar sozinho aqui já não fosse tudo que desejo. Dylan colocou ideias na minha cabeça e tenho pensado cada vez mais em casas na árvore e cinco quartos e uma cerca branca.

Ligo a televisão e *O Grande Dragão Branco* passa em toda a sua glória. Sorrio saudoso enquanto Jean-Claude Van Damme faz uma abertura insana entre duas cadeiras sem um pingo de desconforto ou sinais de que sua virilha está dolorida. Pego meu telefone e disco sem pensar.

— Está passando *O Grande Dragão Branco* — falo no instante que Julie atende do outro lado sem nem mesmo cumprimentá-la. Digo o canal e a ouço se movimentar sem me responder.

— *Ovos mexidos na cadeira ou com vista?* — ela pergunta, e ouço o barulho do filme no fundo.

— Tem algo sobre essa cena da cadeira que me impressiona mais do que ele olhando a vista enquanto faz uma abertura. Acho que é porque aqui consigo ver o rosto pacífico e penso em como minhas bolas iam sofrer — explico e me sento no sofá, ajeitando-me para ver o filme. Estou cansado, mas vou assisti-lo até o final. — Mas sei que não é a sua favorita.

— *É mesmo? E qual é a minha favorita?*

— Frank sendo todo esticado pelo mestre com cordas.

— *Ah, sim, é verdade. Depois da cena dos olhos, é a minha favorita.*

— A cena dos olhos não conta para ninguém, é a favorita de todo mundo — respondo e sorrio para o nada. Ficamos em um silêncio confortável durante alguns segundos.

— *Por que me beijou?* — ela pergunta mais baixo, quase tímida. Um tom que nunca ouço de sua voz.

— Porque eu quis. Quer dizer… Vamos, Jules. Há essa coisa entre nós, sempre houve…

— *Isso só gera confusão. Nossos irmãos vão casar. Continuo achando você um idiota, mas precisamos saber aturar um ao outro.*

— Eu sou um homem muito maduro, ok?

— *E depois me beijou de sacanagem…*

— Sacanagem é o que quero fazer com você, Jules. Não entendeu ainda?

— *Você é um leonino tão exibido… Quem está falando que quero algo com você?*

— Senti sua falta e da sua obsessão por signos. Senti falta de tantas coisas… — respondo e fico sério, sabendo que preciso falar. — Te afastar

foi a pior decisão que tomei.

— *Você não me afastou, você se afastou, é diferente. Um dia era meu amigo e no outro...*

— Minha mãe foi embora naquela noite, depois que chegamos da escola. Não teve nada a ver com você ou aqueles beijos… — interrompo-a. — Sinto falta dos beijos, de como aquilo me deixava nervoso, suado e sentindo algo que nunca soube explicar.

— *Passei anos achando que espantei você por causa eles.*

— Não! Foi bom… Quer dizer, nosso primeiro beijo foi horroroso, mas para primeiros beijos foram bons. — Hesito antes de continuar. — Ela foi embora, meu pai ficou puto, tentou bater na gente e só não fez porque Dylan e eu já sabíamos nos defender.

— *Não é sua culpa, Luke, não foi...* — ela responde, tentando me interromper, mas continuo a falar.

— Eu sei, mas na época… — Suspiro, sabendo que estou me abrindo mais do que deveria. — Quando a achei depois que meu pai morreu, minha mãe falou que só teve coragem de nos deixar para trás porque Dylan já era maior que meu pai e eu já conseguia bater de frente com ele. Entendo, mas dói do mesmo jeito, né? Na época, doeu como o demônio. Eu era apaixonado por você, Jules. Se minha mãe me abandonou, você ia fazer pior e precisava me proteger.

— *Então me afastou?*

— Sim… Ele tentou nos bater, e notei que gostava de falar pelos punhos como o meu pai. Percebi que não podia chegar perto de você nunca mais.

— *Isso é tudo uma loucura, Luke*.

— As pessoas são loucas. Fiz de tudo para se irritar comigo. No final do colégio, eu já gostava de te fazer sofrer porque tinha um pouquinho de você comigo quando isso acontecia. Você me ignorava em todo o resto do tempo.

— *E pra isso precisou me irritar o ensino médio inteiro? Eu quase perdi minha bolsa! Você bateu no meu carro.*

— Essa merda foi meio extrema, me perdoe. É que no final da escola você já nem sequer ligava para mim e o que eu tentava fazer. Só fui escalonando de um jeito que…

— *Se tornou meu bully* — ela completa sussurrando.

— Você não é nenhuma santa, Jules, nem foi. Você roubou minha roupa do treino. Eu fui suspenso por andar pelado na escola. Não fui à minha

formatura.

— *Aquilo foi divertido* — ela diz, e ouço a risada contida no outro lado da linha.

— Dois pesos e duas medidas então, senhorita?

— *Lucas… Por que está sendo legal comigo? Nós não nos falávamos há dez anos e quando você veio aqui eu te xinguei de vários nomes, joguei um sapato em você…*

— Dois — corrijo-a.

— *Eu sei… Inclusive, os quero de volta. Mas sério, por quê?*

— Porque não tem motivo para a gente não ir um com a cara do outro. E vou ser bem sincero com você. Não quero brigar, gritar… qualquer merda. Quero me afundar em você e ir tão fundo que não vai lembrar de como era antes de eu estar lá. Merda… tenho pensado em você e não sei como…

— *Eu também* — ela me interrompe —*, mas podemos não falar disso hoje?*

— Quer apenas ver o filme? — pergunto como uma oferta de paz.

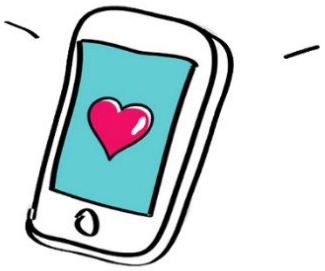
— *Como nos velhos tempos?*

— Como nos velhos tempos — respondo.

Fico até tarde com Julie na ligação, falando sobre tudo e nada enquanto o filme rola na tela. Não sei quem desliga primeiro; adormeço no sofá com o telefone grudado na orelha.

Capítulo 7

Julie



Saí do restaurante cantando pneu naquele dia e, assim que coloquei os pés na casa da minha mãe, senti-me ridícula. Participei daquele beijo tanto quanto Lucas e, apesar de ele ser odioso, tinha algo naqueles dois metros de ombros loiros que chamava minha atenção desde que éramos adolescentes.

Como falta pouco para o casamento, combinei de ir para Montpelier todos os finais de semana para ajudar Erin, mas de forma alguma vou ficar com minha mãe e irmã com meu negócio patinando em outra cidade.

Estava arrumando minhas coisas para voltar para meu pequeno apartamento quando ele me mandou emojis sexuais ridículos e engraçados. Eu amoleci. Pela primeira vez em muito tempo, não quis pensar cada detalhe sobre como o detestava e nem por que — confesso que não conseguia nem mesmo lembrar como tudo escalonou para o que é hoje.

Então, a noite em que vimos *O Grande Dragão Branco* aconteceu.

Estava confusa pelo beijo, pelos sentimentos que ele me despertou naquele final de semana. *Do ódio ao amor é um passo?* Sentia-me como se estivesse anestesiada por vários anos e de repente tivesse acordado, deixado de pensar apenas no meu desespero com a floricultura que não dá dinheiro, com minha falta de vida amorosa, da minha mãe que quer me ver casada e faz comentários sobre Erin.

Ele me ligou na noite seguinte. Atendi surpresa. E na noite seguinte, e na outra, e na outra. Lucas me ligou todos os dias para conversar, ver um filme juntos, falar sobre nossas vidas, sem pressão, como se estivéssemos nos conhecendo — era verdade em muitos pontos, já que não sei o que Lucas fez da sua vida particular nos últimos dez anos.

Ele continua engraçado, fascinado por filmes de ação. Solteiro — o que aliviou minha consciência por uma possível traição depois daquele beijo. Lucas ainda pode comer dois quilos de lasanha em uma refeição e um pote inteiro de sorvete de menta como sobremesa. Já não tem o sorriso fácil, fofo. É mais sério, mais ácido. Parece solitário. Lucas diz que está vivendo o sonho, jogando na NFL, com um apartamento espaçoso e todo o dinheiro que puder gastar, com amigos divertidos e muitas mulheres atrás dele. Ainda assim, prefere me ligar todas as noites em vez de estar com eles.

Na primeira vez, atendi armada com todos os meus xingamentos criativos. Das vezes seguintes, fui surpreendida. Quando entramos na terceira semana e ele continuou nossa rotina, comecei a me preparar para atendê-lo, como um ritual secreto, só nosso, protegido do mundo exterior. Falava do meu dia, de tudo o que eu vi, das vezes que lembrei dele — e eram muitas.

Era perigoso.

Eu sabia o que estávamos fazendo ali. Nós terminaríamos em uma cama, suados, cansados e satisfeitos. Já não éramos mais crianças, não existia uma discussão se ele iria me beijar ou não. Seria um sexo sedento, dando e recebendo tudo. Ele voltaria para Filadélfia, e eu para Burlington com meu coração quebrado depois do casamento. Sentia falta de falar com ele quando ele demorava quinze minutos para ligar. Nós nos mandávamos mensagens o tempo todo. Ele ainda está obcecado pela berinjela.

Em um dia, comentei sobre um grande camisetão do Patriots, roubado de um ex-namorado, que uso para dormir. Não tenho ideia de como ele fez acontecer, mas, hoje, dois dias depois, chego em casa e uma caixa de presentes lotada de coisas do Eagles me espera.

— Lucas, você tem problemas? — pergunto assim que ele atende, mais cedo do que costumamos conversar. É a primeira vez em um mês em que eu faço o primeiro movimento, que disco seu número e espero ser atendida.

— *As camisetas chegaram?* — ele pergunta, e sinto um certo sorriso em sua voz. — *Eu quero vê-las.*

— O quê?

— *Vista elas para mim. Me mostre*.

— Posso mostrar agora, tiro algumas fotos… — Minha ficha cai e paro de falar. Ele não quer vê-las, Lucas quer me ver vestidas nelas.

— *Quero você nelas, Jules. Me irrita saber que esse seu ex te deixou uma camiseta do Patriots. Você só se veste de Eagles daqui por diante, amor.*

— Que paixão pelo seu time, Lucas.

— *Respeita minhas fantasias, mulher!* — ele suspira. — *Agora ligue a câmera. Estou em casa, sozinho. Ninguém vai ver você com essa roupa além de mim.*

É agora ou nunca. Sinto-me corajosa e tiro a roupa com que acabei de chegar, deixando as peças jogadas pela pequena sala. Visto rapidamente a camisa maior e me olho no espelho do meu quarto enquanto ouço Lucas perguntar "Jules, ainda está aí?". Não o respondo e desligo o telefonema, esperando alguns segundos para fazer a chamada de vídeo.

Assim que Lucas surge na tela, ele está tão bonito quanto lembrava, com os olhos caramelo e os cabelos loiro-escuros. Está sentado em um sofá que parece caro e um pouco à distância, como se tivesse colocado o aparelho apoiado em algum lugar. Lucas está sem camisa, encarando-me com seu sorriso cínico e, nossa, ele é definido. Cada músculo do seu peitoral se destaca e me sinto tentada a passar a língua por cada pequeno pedaço.

— *Você está linda nessa camiseta, Jules* — ele diz em um sorriso e me olha intensamente. Sinto minhas bochechas ficarem vermelhas e de repente acho uma idiotice estar aqui, exposta, na frente de um galinha de primeira marca como Lucas.

— Então tá, já viu, né? Vou desligar.

— *Ei… calma. Senta no seu sofá, vamos conversar.*

— É difícil olhando para você — respondo. — Principalmente quando você é você e tem esse peito definido e…

— *Me olhar te excita?* — ele pergunta sério.

— Luke!

— *Você está molhada?* — pergunta com a voz mais grossa, um pouco baixa, e sinto meu corpo arrepiar. — *Porra, Jules… Me mostra sua boceta.*

— Eu…

— *Você está de calcinha, Jules? Está inchada… molhada? Vazia?* — ele diz, encarando-me. Posso vê-lo de pupilas dilatadas, respirando pesadamente e com um volume grande em sua calça do pijama. Engulo em seco, e Lucas

acompanha meu olhar. — *Você quer me ver, amor? Eu mostro o meu e você mostra o seu.*

— Lucas…

Ele não me deixa hesitar, levanta-se e abaixa as calças, ficando gloriosamente nu na câmera. Seu pau é grande, grosso, com a cabeça rosada e está tão inchado e úmido na ponta que parece a ponto de explodir.

— *Está vendo o que faz comigo? Você e essa camiseta me tiraram o sono desde que me disse que dormia com o uniforme do Patriots.* — Sinto um arrepio passar por meu corpo e fico muda. Lucas dá um pequeno sorriso. — *Gosta do que vê?*

— Nós vamos mesmo fazer isso?

— *Vamos, amor. Me mostre…*

Vejo Lucas tocar seu pau, masturbando-se enquanto fala comigo. Isso está me deixando ligada. Puxo a camiseta para fora do corpo, ficando apenas com a minha pequena calcinha preta. Mostro meus seios para a câmera e me sinto cada vez mais excitada apenas de vê-lo brincar com seu membro.

— É isso que quer ver? — pergunto, inclinando-me para a câmera. Lucas movimenta sua mão mais rápido, respirando pesado.

— *Tira essa calcinha, amor. Nós dois precisamos disso…* — ele diz, travando os dentes e gemendo baixo.

Empurro o pequeno pedaço de tecido para fora do meu corpo e estou nua para Lucas. Minha mão cai em meu clitóris, brincando com meu ponto sensível. Vejo-o se inclinar para a câmera, como se quisesse estar perto, me tocar. Coloco cada pé sobre o sofá, ficando vergonhosamente aberta para a tela do telefone e me mostrando inteira para ele.

— *Merda, Jules!* — ele geme. — *Eu quero você… Quero gozar tão forte dentro de você… Você é tão linda…* — ele diz, acelerado e sem sentido.

Já não é o suficiente. Afundo dois dedos em minha entrada e fecho os olhos, sentindo a sensação por todo o meu corpo. Luto para me manter encarando Lucas enquanto ele geme cada vez mais alto. Minha mão não é o suficiente, eu o quero. Acelero meus movimentos, acariciando o clitóris no mesmo momento que meus dedos tocam o ponto G. Estou cada vez mais sensível. Convulsiono, sentindo o orgasmo arder em minha coluna e meus dedos formigarem. Grito pelo clímax. Lucas goza e seu esperma vaza por todos os lados. Ele dá um grunhido baixo, tão masculino e selvagem.

Nós dois caímos nos nossos sofás, esgotados e em silêncio. *Eu queria estar com ele.* Minutos depois, Lucas me encara através da câmera, ainda nu e sem um pingo de vergonha.

— *Vem para a Filadélfia* — ele diz simplesmente.

— O quê?!

— *Vem pra cá. Não consigo ficar sem você, Jules… Por favor.*

— Eu tenho um trabalho, lembra? — respondo e sei que estou na defensiva. Ele me surpreendeu externando uma vontade que eu sinto, mas que nunca conseguiria dizer com as palavras. Pego a camiseta e a visto, como se tentasse me proteger dele e de suas sugestões.

— *Você reclama dele…*

— Mas é meu — interrompo-o. — Não posso largar tudo do nada. A loja está falindo, mas é o que paga minhas contas. Não tenho nada sem isso.

— *Claro que tem* — ele diz suave. — *E seu sonho de ser pintora?*

— Ele acabou quando as contas começaram a chegar… — Suspiro. — Escuta, Lucas… Não sei o que estamos fazendo aqui e…

— *Não ouse fazer isso. Conheço você melhor do que você mesma. Não vou deixar estragar isso por medo.*

— Mas…

— *Mas nada. Daqui duas semanas, nós vamos nos ver. Vamos conversar no casamento, não vai fugir de mim. Até lá, temos ligações, vídeos. Mas não vou deixar você em paz, Julie. Não depois de hoje.*

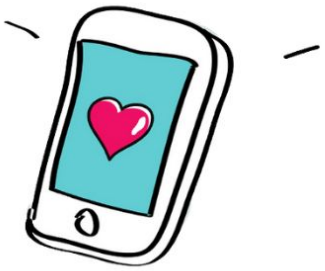
Ele faz o que promete.

Lucas não fala mais sobre ir visitá-lo ou sobre o que vai ser depois do casamento. Nós vivemos com várias palavras não ditas, com uma contagem regressiva até nos reencontrarmos. Nós continuamos nossas conversas todas as noites, mas elas evoluem para um sexo à distância bem criativo. Dois dias depois da primeira vez, Lucas envia uma caixa cheia de brinquedos eróticos e me faz usar cada um deles. Ele ri, dizendo que, se gozamos forte com uma camiseta, imagine com coisas feitas para isso.

Lukifer está, certo mas não darei meu braço a torcer. O ascendente em escorpião dele me leva à loucura à distância, imagine quando nos encontrarmos pele a pele, contato a contato. Serei muito sortuda se sair com o coração intacto depois desse casamento.

Capítulo 8

Julie



Chego a Montpelier na quinta-feira à noite, um dia antes do jantar de ensaio. Lucas se programou para chegar perto do evento porque precisava estar no centro de treinamento na manhã de sexta. Estou uma pilha de nervos e não posso contar para ninguém. Tenho poucas amizades e a mais próxima é minha irmã. Escondi esse estranho relacionamento que mantive com Luke de Erin e não tenho com quem desabafar.

Passo o dia seguinte arrumando o Sarducci's, que foi novamente reservado por Lucas como um presente de desculpas. Erin contou que ele se ofereceu para pagar a cerimônia inteira, mas Dylan não aceitou. Perto das sete, coloco um vestido verde-esmeralda e me maquio com esmero. Não costumo fazer isso, mas estou nervosa por encontrá-lo depois de tanto tempo.

Quem diria, Julie.

Ao longo do dia, Lucas me manda mais emojis de berinjelas do que em todas as últimas semanas. Ele parece tão ansioso quanto eu, e vou ficando cada vez pior conforme as horas vão passando e Lucas não aparece. Acompanho os discursos como um borrão, falo algo rapidamente e assisto sem ver Erin e Dylan dançando em um dos cantos do restaurante enquanto todos conversavam alto.

— Parece que deu certo, não? — diz Lucas atrás de mim. Meu coração se acelera e, sem me controlar, me viro surpreendida, abraçando-o com força.

— Lucas!

— Teria te mandado mais mensagens no ensino médio se soubesse que ia ficar tão feliz em me ver — ele responde sorrindo e pisca para mim.

— Não graças a você, Lukifer. — Solto-o envergonhada, olhando para o chão.

— Lukifer? — ele pergunta, e sinto minhas bochechas ficarem vermelhas. Lucas coloca sua mão em meu queixo e me obriga a encará-lo. Não entendo o efeito que esse homem tem sobre mim. Minha pele se arrepia de tê-lo perto.

— Bem… é Luke e Lúcifer.

— Jules… — ele solta uma gargalhada alta, e as pessoas nos encaram.

Nós olhamos para Erin e Dylan dançando, perdidos em seu próprio mundo enquanto riem um para o outro, e sim, ele está certo, parece que nosso plano deu certo e eles estão mais fortes do que nunca.

— Não chame atenção!

— Com você é impossível. Vem dançar! — Ele pega na minha mão e nos leva em direção à pista de dança, onde Dylan e Erin continham alheios ao nosso barulho.

— Não, não, não… Eu não danço!

— Você sabia dançar — Lucas diz, puxando-me para mais perto ao som de uma música romântica. Tento me encolher, mas ele e seus dois metros chamando atenção não deixam passar.

— Isso é uma alucinação. Eu era do clube de debate, não da dança. Nunca soube, tenho dois pés esquerdos.

— Posso dançar por nós dois, tenho muito talento — Lucas fala e pisca para mim. O desgraçado realmente tem jeito e valsava levemente comigo mesmo sem eu saber exatamente o que fazer.

— Exibido como todo bom leonino, pelo amor de Deus — murmuro entredentes.

— Se você continuar com isso, vou pisar no seu pé, Jules! Você liberta o pior de mim — Lucas diz.

— Você não se atreveria — respondo, levantando a sobrancelha em um desafio.

— Nós precisamos conversar sobre muitas coisas, mas nesses minutos, podemos só ficar assim, dançando, sem brigar? — Lucas pega na minha mão, ajeitando-me novamente, e me puxa para mais perto. Seu pedido me desarma.

— Sem brigar? — pergunto, encostando minha cabeça em seu ombro, sentindo seu coração acelerado como o meu.

— Um dia você vai perceber por que brigávamos tanto, Jules.

— Por quê?

— Se fizéssemos o que queríamos naquela época, ia envolver muito suor e sacanagem. Não estávamos preparados para isso.

— Lucas! — exclamo e dou um tapa em seu ombro, ouvindo sua risada. Não me mexo nem um centímetro, sentindo o calor de seus braços ao meu redor.

Suspiro, sentindo-me satisfeita, e deixo minha mente vagar para longe. Estamos calados, em nosso próprio mundo. Sinto seu toque e seu corpo colado ao meu como se fosse uma segunda pele. Um encaixe perfeito.

Levanto meu rosto na direção dele, encarando seus traços. Lucas é lindo, com seu cabelo loiro escuro e olhos caramelo. Consigo ver cada marca do tempo desses dez anos, o homem que substituiu a fisionomia infantil do meu melhor amigo. Sinto meu corpo quente, arrepiado, a excitação entre minhas pernas, a respiração acelerada.

Seus olhos refletem o mesmo desejo. O ar muda de repente, pesado, sensual, apenas pelo nosso olhar.

— Vem comigo — ele diz simplesmente.

— Para onde? Não podemos sair assim.

— O jantar está no fim.

— Nós estamos criando isso desde o primeiro telefonema, eu sei… Mas sair assim?

— Vem comigo para o meu hotel. Você sente o mesmo que eu, Jules. Não quero mais negar isso. Nunca mais. Preciso sentir seu gosto, sua pele. Merda… Preciso estar dentro de você o mais rápido possível. Nas últimas semanas estive mais duro do que fiquei no resto da minha vida. Preciso de você, mulher. Como o ar que eu respiro… preciso sentir você queimar.

— É tão real, palpável, que dá medo.

— Isso é energia sexual, Jules… — ele diz, interrompendo-me, baixando ainda mais o tom de voz. — Não percebeu ainda? Desde que começamos a

ter hormônios estamos excitados um pelo outro. Te falei… eu queria uma reação de você, agora entendi o que buscava.

— Estamos bem agora, mas e depois… — falo e suspiro. — Nós vamos ser família agora.

— Somos bons brigando, Jules. Seremos ainda melhores transando. Nunca me senti com uma mulher do jeito que me sinto com você, e estávamos em estados diferentes. Não estou falando uma mentira. Quero você há tanto tempo… Por favor, Jules. Vem comigo.

Ele para de dançar e me estende a mão. Encaro aqueles dedos longos e largos, e sei que a decisão está tomada mesmo que minha cabeça grite que estou sendo inconsequente. Uma noite apenas para terminar com essa fixação. Uma única vez, e ele volta para a Filadélfia. As coisas claras, sem promessas.

— Eu não deveria.

— Mas você vai, não é?

— Sim — respondo em um filete de voz. Lucas abre um sorriso leve, e sinto meu corpo se arrepiar. Merda… Quando esse homem vai deixar de ser meu ponto fraco?

Assim que entramos no carro alugado, eu o beijo até ficarmos sem fôlego, puxando-o para mim como se fosse morrendo se não o tivesse. De uma forma ou de outra, é como venho me sentindo há semanas, tão perto e longe de Lucas.

— Precisamos ir… Não quero que nossa primeira vez seja dentro de um carro — ele diz.

Afasto-me e me sento muito reta enquanto Lucas dá a partida. Segundos, terceiros e décimos pensamentos passam na minha cabeça, mas no fundo sinto apenas certeza. O caminho do hotel é curto, mas cheio de conversas mentais. Assim que ele estaciona, pega na minha mão e caminhamos para o quarto em silêncio. A tensão emana de nós dois, o nervosismo, como se o silêncio fosse a resposta para não quebrar o mar de sentimentos transbordando nesse momento.

Assim que Lucas fecha a porta do quarto de hotel, me olha um pouco preocupado. Tenta esboçar um “Você está bem?”, mas corto nossa distância antes mesmo de ele terminar a frase. Nossas bocas se chocaram, deixando-me tonta. É um doce tormento, e não quero pensar sobre esta noite. Seus lábios me sondam selvagens enquanto Lucas me puxa para seu colo. Coloco

minhas pernas ao redor de seu quadril, sentindo seu membro duro contra mim. Ele anda comigo em seu colo até a cama, depositando-me na superfície macia.

Lucas me encara com ar safado e tira a camisa. Merda… Ele ser atleta tem vantagens. Ele é lindo e definido. Quero lamber seu peitoral inteiro, sentindo o sabor salgado de sua pele. Lucas se deita sobre mim, beijando-me profundamente. É selvagem, dando e recebendo tudo.

Sua boca cai sobre meu pescoço e vai descendo, pousando sobre meus ombros. Lucas abre o zíper do meu vestido, criando uma trilha de beijos por onde o tecido deixava de estar. Senti-lo, mesmo que sobre as roupas meio despidas, é excitante. Sinto a umidade entre minhas pernas e meu corpo se arrepiar com seu toque.

Passeio com minhas mãos em seu peito, sentindo sua pele tremer a cada pequeno toque. Ele encosta seu corpo no meu ainda mais, com suas mãos sobre minha bunda. Posso sentir tudo entre sua calça e meu vestido enrolado na cintura. Seu pau moendo contra minha entrada ao mesmo tempo que ele lambe o ponto sensível do meu pescoço.

— Consegue sentir o quanto te quero? — diz no meu ouvido tão baixo que seu tom de voz me traz arrepios.

Lucas me gira em seu corpo, deixando-me por cima. Suas mãos caem sobre o sutiã meio desfeito, arrancando-o e deixando meus seios à mostra. Sem me deixar respirar, ele puxa o resto do tecido sobre minha cabeça. Estou apenas de calcinha. O quadril dele se impulsiona contra minha boceta coberta pelo pequeno pedaço de tecido. Sinto-me cavalgar em seu membro inchado.

— Lucas…

— Você é linda, amor… — ele fala e levanta o corpo em direção ao meu, colocando sua boca em meu seio.

Ele lambe e chupa cada um dos meus peitos até me fazer gritar, conduzindo meu quadril com suas mãos fortes, esfregando-me contra seu pau. Posso sentir o orgasmo formando-se e o arrepio subindo em minha coluna quanto mais me aproximo dele.

— Ahhh… Lucas! — exclamo, sentindo o êxtase me levar apenas com as preliminares.

Ele gira, voltando a ficar sobre mim. Em meio à névoa sexual, ouço o barulho de cinto cair no chão. Quando olho de novo para ele, Lucas está de

joelhos, glorioso em sua nudez, olhando-me profundamente. *Ele é grande, grosso…* Lucas parece descontrolado, respirando rápido demais, com os cabelos bagunçados e as pupilas dilatadas. Como um louco cujo único remédio é meu corpo.

Lucas puxa minha calcinha e ela arrebenta em sua mão. Ele a joga para longe enquanto se estica para o móvel ao lado da cama, pegando uma camisinha. Ele se embainha, caindo sobre meu corpo. Pele a pele, vibramos com cada toque. É melhor que tudo que já tive.

Suas mãos caem sobre meus quadris, apertando minhas curvas. Dedos quentes e grossos passeando por meu corpo enquanto me impulsiono para ele em busca de alívio. Está além da racionalidade. Só preciso dele dentro de mim. Minha boca cai sobre seu ombro, lambendo e chupando cada pedaço, e Lucas treme ao meu toque. Sinto-me poderosa.

Nossos corpos em uma sinfonia suada aceleram as batidas dos corações. Lucas se alinha em minha entrada, colocando seu pau na minha abertura, preenchendo-me completamente de primeira. O toque me leva à loucura a cada pequeno roçar com meu clitóris. Segurando-me pelos quadris, ele acelera o nosso vai-e-vem, crescendo a cada estocada. É visceral, animal, martelando dentro de mim e fazendo-me tremer. Minhas terminações nervosas se acendem e estou perto de gozar, sentindo os pequenos choques de desejo.

Acontece uma segunda vez e sou levada para outra dimensão. O êxtase derruba cada barreira dentro de mim e grito pelo nome de Lucas. Minha respiração se acaba, minha pele se arrepia e o orgasmo me toma inteira enquanto o sinto chegar. Lucas geme alto e se esvazia em mim. Minhas pernas tremem pelo último impulso.

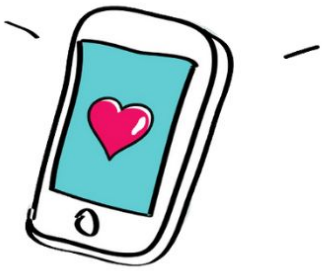
Estou exausta e satisfeita.

Lucas me puxa para ele e ficamos ali, tentando controlar a respiração, ainda nos braços um do outro. Ele acaricia meu rosto levemente, encarando-me profundamente. Tenho medo desse olhar. Tenho medo do que acabou de acontecer. Lucas estava certo, se somos bons brigando, somos melhores fazendo amor.

Deus… estou ferrada.

Capítulo 9

Lucas



Quando cheguei na minha casa na Filadélfia há seis semanas, meu plano era apenas uma noite. Convencer Julie que éramos melhores aproveitando o corpo um do outro do que trocando xingamentos engraçadinhos. Tudo mudou nas últimas semanas. Nós começamos a conversar, falar sobre o nosso dia, sobre o que gostávamos ou não, às vezes coisas idiotas e sem sentido que me faziam ficar conectado a ela. Consegui-a nua na frente da câmera apenas para querê-la ainda mais.

No instante em que pisei de novo em Vermont, já tinha minha cabeça formada que de um jeito ou de outro não sairia daqui sem Julie. Era como se fossemos ligados desde sempre por esse fio invisível e estivesse sempre destinado a reencontrá-la e cair rápido, sem duvidar. Meu único medo era Julie não corresponder, mas depois de ontem…

Abro os olhos e não a encontro do meu lado. Espreguiço-me, tentando espiar a porta do banheiro, mas Jules não está em lugar algum. Ela foi embora? Pego meu telefone no móvel ao lado da cama e vejo que já passa das onze. Dormi demais. Estava morto de cansaço pelo treino da manhã, o voo, Jules…

Lucas

Por que não está aqui?

Julie
Minha irmã casa hoje. Tenho um cabelo para fazer, unhas… acalmar uma noiva nervosa.

Lucas
Eu trocaria isso por uns minutos a mais.

Julie
Vá tomar banho e ficar pronto. O casamento é daqui cinco horas.

Lucas
APENAS isso? Cinco horas pra colocar meu smoking é muito pouco.

Julie
Pode rir, imbecil. Mas vai valer a pena.

Lucas
Já valia com você de cara amassada.

Julie
Nós precisamos conversar. Muita coisa ficou em aberto…

Lucas
Depois do casamento vou te obrigar a me ouvir.

Julie
E quem você pensa que é para me obrigar?

Lucas
Amor, não esquece. Brigar é a segunda coisa que a gente faz melhor.

Levanto-me e tomo um banho rápido, preparando-me para ir para a casa da minha mãe. Meu smoking está lá e combinei de sair com meu irmão e ela para a igreja. Apesar do que aprontei há algumas semanas, consegui manter meu lugar de padrinho. Quando chego lá, Dylan está nervoso, andando de um lado para o outro, e pela primeira vez em muito tempo me identifico com esse sentimento. Passei de achar babaquice a querer estar no lugar dele. *Julie… o que fez comigo?*

Às três e quarenta e cinco, estou no altar ao lado do meu irmão, na igreja local de Montpelier. Ele usa um fraque preto e ajeita a sua lapela a cada cinco segundos, tentando arranjar o que fazer. Dylan está muito nervoso.

Pontualmente às quatro, a música começa e algumas daminhas com flores entram na igreja. Julie é a seguinte e merda… ela está linda mesmo com todo aquele tecido voando para todos os lados, fazendo volume, dificultando-a a andar. Minha cunhada é alguém que ama o estilo princesa, aparentemente. Julie me olha radiante e retribui o sorriso enquanto observo como ela parece um bolo de noiva com pernas. Ela é tão sexy que até com a roupa um pouco estranha está linda.

— Não ouse — Jules diz, parando ao meu lado e encarando-me.

— Você está bonita, apenas isso.

— Sei…

A marcha nupcial começa. Erin combina muito mais com esse estilo que a irmã. Ela parece uma princesa de desenho animado. Não duvido que ela comece a cantar com animais a qualquer minuto. Olho para Dylan, e ele tem os olhos vermelhos e úmidos, emocionados. Merda… Meu irmão mais velho está casando.

— Eu quero algo igual a isso — falo simplesmente.

— O quê?! — ela me pergunta um pouco confusa e tira os olhos da irmã que vem caminhando pelo corredor da igreja.

— Isso. Eles dois, família, casamento.

— Você acabou de ter uma iluminação divina? — ela me sussurra de um modo engraçado.

— Só cheguei onde finalmente deveria estar. — Julie me encara confusa e por alguns instantes mergulho em seus olhos. A música acaba, o pastor fala algo e nossa atenção volta para o momento presente.

***

É engraçado como as pessoas nos olham esquisito. Tinha esquecido de como todo mundo acha que somos inimigos mortais prontos para se matarem. Depois da cerimônia na igreja, fomos para um espaço ao ar livre perto do centro da cidade — com tendas transparentes, luzes e lâmpadas por todos os lados, mesas de madeira e flores como decoração.

Aproximei-me de Julie, peguei sua mão e a puxei para mim, atraindo-a para a pista de dança. Erin e Dylan já valsaram pela primeira vez, a festa já está na metade, logo após os discursos — o meu engraçado, sobre minha infância competitiva com Dylan, o de Julie, aos prantos, falando como ama sua irmã mais nova.

— Posso conversar com você?

— Agora?

— É. Vamos sair daqui, ali fora…

— Lucas, não vou sair de novo da festa da minha irmã. É o casamento.

— Já devolvo você, só quero conversar.

Retiro meu blazer, colocando-o nos ombros de Julie para protegê-la da noite fria. Coloco minha mão na base de sua coluna e caminho para fora da tenda, para perto de algumas árvores no descampado onde o local foi erguido. Ela me encara no meio da escuridão e percebo que está nervosa. Merda, eu também estou.

— O que quer fazer daqui pra frente? — pergunto.

— Como assim?

— Eu e você. Não vou deixar você sem uma luta, Jules.

— É impossível, Lucas — ela responde e foge do meu olhar. — Você mora a quase dez horas de distância. Não fomos feitos para durar e…

— Será que não entende, Jules? Você às vezes é tão frustrante! Quero continuar o que temos aqui, não é coisa de uma noite — interrompo-a.

— Você mora em outro estado, Lucas! Isso nunca vai poder continuar!

— Nas últimas seis semanas nós conversamos o tempo todo. Não é suficiente?

— Você é a droga de um atleta cheio de garotas correndo atrás de você porque ganha milhões por ano, então não, não vai funcionar! — ela fala irritada. Consigo ver além da pose de Julie. É mais do que isso. É medo.

— Não confia em mim, é isso? Em nós?

— Você sumiu por dez anos. Malditos dez anos. Você me maltratou outros cinco. Quem me garante que isso não vai voltar a acontecer? — ela diz e suspira. — Lucas… Você tem poder sobre mim. Fiquei muito mal quando você me ignorou. Depois de ontem, das últimas semanas. Você vai me quebrar. Isso vai acontecer, é questão de tempo.

Ela foge do meu olhar, com os ombros caídos, olhando para o chão. Tenho certeza no momento que as palavras saem da minha boca.

— Eu te amo.

— O quê?! — ela pergunta confusa.

— Eu te amo. Você pode colocar o empecilho que quiser, mas vou continuar te amando.

— Não é tão simples.

— É simples. — Suspiro. — Vem para Filadélfia comigo.

— Como?!

— Você sempre quis conhecer o mundo, sair por aí. Sei da sua floricultura, como seu negócio é importante para você, mas está falindo. Você mesma disse. Pode transferi-lo. Recomeçar algo com arte. Virar pintora. Merda, se for tão importante assim, me transfiro para cá…

— Não tem time da NFL em Vermont e você sabe.

— Me aposento! Tiro um ano… Sei lá — falo sem paciência. — O que eu sei é que não posso deixar você para trás. Que te quero ao meu lado, nem que para isso precisemos de alguns meses para fazer a mudança definitiva.

— Lucas… isso é insanidade. Não temos nada. Há alguns meses você me odiava. A gente transou pela primeira vez ontem…

— E a segunda, a terceira, a quarta… — completo com um sorriso safado nos lábios, e ela fica com as bochechas vermelhas. *Jules é sempre adorável quando está envergonhada.* — Nossas vidas estão ligadas, Julie Morgan, e você sabe disso. Pode sentir tanto quanto eu.

— Não sei nada disso…

— Você foi minha primeira amiga, a melhor. Meu primeiro beijo. Não tão bom — complemento rindo. — Sempre quis você comigo. Conheço todos as suas manias, seus gostos, o que você quer ou não. Tudo que eu não sabia desde que nos afastamos, aprendi nas últimas semanas. Vamos, Jules. Me dá um salto de fé.

— Mas e se… — ela diz com os olhos cheios de lágrimas e para de falar, olhando-me profundamente. Percebo a hesitação, mas de repente é como se

ela jogasse tudo pela janela. Ela vai confiar em mim. — Vou te matar se quebrar meu coração.

— Isso é um sim? — pergunto, e ela não responde, apenas pula em meus braços, abraçando-me.

— Vamos tentar — Julie fala, sussurrando em meu pescoço.

— Na Filadélfia?

— Talvez…

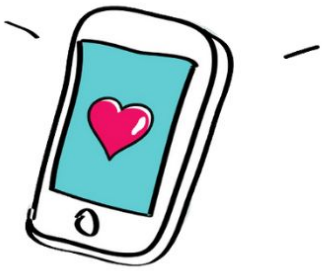
— É sério, Jules. Se precisar, me afasto do Eagles.

— Nós vamos fazer dar um jeito, Lucas — ela diz, levantando o rosto, encarando-me com um sorriso lento. — Se não for do nosso jeito, vamos vencer na briga.

Sorrio em resposta e sei que essa agora é uma batalha de dois. Posso ver o amor em seus olhos. É a única certeza que eu precisava. Tudo ficará bem.

Epílogo

Julie



Como eu previ, as coisas não foram tão fáceis.

Fiquei mais uma noite com Lucas e o levei para o aeroporto no dia seguinte — ainda incerta sobre que passo tomar. A única certeza que eu tinha é que tinha me apaixonado pelo meu nêmesis e queria fazer dar certo. Ele me ligou todos os dias e me despertou pelas manhãs com emojis de berinjela. Nunca ficava velho. Ainda não tinha respostas sobre o que faríamos, mas mantínhamos nossa rotina pré-casamento. Uma nova remessa do *sex shop* chegou ao meu apartamento dois dias depois da partida dele.

Depois de duas semanas fazendo um inventário da minha loja, decidi que Lucas tinha razão. Estava perto de falir, com algum conhecimento em um ramo que facilmente poderia abrir em qualquer lugar. Ele se ofereceu para me ajudar com a carreira de pintora, cuidar de tudo enquanto eu perseguia o meu sonho morando com ele na Filadélfia. Não queria dar o braço a torcer, mas Lucas, com seu jeito, me fez aceitar um ano.

Um mês depois do casamento de Dylan e Erin, Lucas apareceu com uma caminhonete e levamos minhas caixas até a Pensilvânia. Quando cheguei aqui, descobri que ele tinha transformado um dos quartos do duplex em ateliê. Eu soube naquele momento que nós dois conseguiríamos. Eu o amo demais, desde sempre, mas tinha medo do futuro, de ele acordar um dia e

não me querer mais. Estar aqui, com ele, no apartamento que fez questão de adaptar para mim, naquele sofá que viu muita ação nas nossas vídeo-chamadas é o certo.

Agora, dois meses depois de me mudar, mexendo no armário do quarto principal, encontro minhas sandálias. Lucas nunca me devolveu. Arranjei outro sapato para o casamento de Erin e Dylan, e toda a vez que falava sobre o par de saltos dourados com Lucas, ele mudava de assunto. Elas estão dentro de uma caixa, junto a outras coisas que deixam meu coração apertado de amor quando a abro.

Cada pequena coisa da nossa infância está aqui dentro. Cartas, ingressos de cinema, fotos. Lucas me guardou com ele mesmo da época que éramos inimigos. Uma caixinha pequena chama minha atenção e, ao abri-la, me deparo com o mais bonito e brilhante anel que já vi. *Ele vai me pedir em casamento?*

Viro-me surpresa quando ouço um barulho e Lucas me encara. Ele está de pé, enquanto estou sentada na frente do armário, mexendo na caixa de lembranças.

— Você é uma pessoa odiosa, Julie Morgan.

— O quê?!

— Eu tinha tudo preparado. Um bom jantar, uma dança, um pedido ajoelhado. Você tinha que encontrar o anel antes!

— Isso é um pedido de casamento? — pergunto confusa.

— Sim… Talvez Julie Wilson seja uma pessoa melhor — ele fala e hesita um pouco, sorrindo-me tímido. — Você aceita casar comigo, Jules?

— Estava preparada para isso desde sempre — sussurro enquanto ele se abaixa e se senta a meu lado.

— Até quando me odiava?

— Do ódio ao amor é um pulo… — falo sorrindo e o beijo nos lábios. — E eu amo demais você, Lucas.

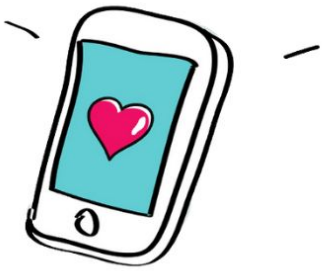
— Eu também te amo, Jules. Mas, da próxima vez, me deixa te surpreender.

— Depende de quando Jules Wilson surgir. Como você falou, talvez ela seja uma pessoa melhor que eu.

— Um casamento rápido então? Isso nós podemos providenciar.

Epílogo

Lucas



Nós nos casamos um mês depois do pedido de casamento. Olhando para trás, foi mais perfeito com Julie e nossa caixa de lembranças do que em um restaurante caro seguido de uma proposta tradicional. Como nenhum de nós dois estava interessado em um casamento enorme com muitas pessoas, em uma tarde de junho nos tornamos o senhor e a senhora Wilson.

Não me arrependo nem por um minuto da decisão que tomei. Aquela mulher me completa, é o melhor de mim, meu tudo, minha força.

Alguns meses depois da pequena cerimônia, recebi um convite da reunião de dez anos do colégio. “Lucas Wilson e convidada”. Quando Jules reparou que talvez ninguém soubesse do nosso casamento, ela decidiu que seria uma ótima piada aparecer na comemoração.

Julie tinha perdido aquela nuvem de preocupação que sempre pairava em sua cabeça. Depois de fechar o negócio, ela passou a se dedicar à pintura e tinha conseguido alguns contatos de galerias — sozinha, porque Julie Wilson é tão irritante quando a Morgan e quer fazer as coisas do seu jeito, sem influência alguma minha. Ela está mais feliz e sua felicidade também faz a minha crescer.

Decidimos passar o final de semana em Montpelier para visitar a família e ir à reunião da escola. Nós nos hospedamos com Dylan, que já trabalha para

encher todos os cinco quartos da casa. Erin está prestes a dar à luz e com a mesma beleza angelical do dia que a vi pela primeira vez.

— Você está linda — digo para Julie assim que estacionamos o carro na frente do colégio. Está escuro, estamos afastados e não consigo ficar um minuto mais longe da minha mulher. — Vem aqui.

— Lucas… tem gente aí fora.

— Estamos longe, vem… — falo, estendendo-a a mão, e ela hesita alguns segundos antes de subir no meu colo, cada perna ao lado do meu quadril.

— Eu te amo — digo, e coloco minhas mãos nas bochechas de Julie, puxando-a para mais perto.

— Também te amo. Mesmo quando é tão exibido, leonino — ela me responde com um sorriso nos lábios.

Acaricio lentamente sua boca antes de puxá-la para um beijo. Precisamos ser rápidos se não quisermos ser pegos. Desamarro o fecho do vestido tomara que caia que Julie está usando, deixando seus seios à mostra para mim. *Merda, nunca me canso dessa visão.*

Trago o seio esquerdo à minha boca, acariciando o direito com a minhas mãos, dando atenção por igual. Ela está cada vez mais sensível desde que descobriu que está grávida. Merda, sim… vamos ter um filho.

Julie geme e se levanta um pouco, tentando alcançar meu cinto. Depois de alguns puxões, ela consegue liberar meu pau. Estou duro por ela e posso sentir o calor de sua boceta. Julie beija meu pescoço ao mesmo tempo que se ajeita em meu colo, colocando o membro em sua entrada e afundando-se fácil em meu pau. *Ela me deixa louco.*

Julia ama ter controle sobre mim. Ela me cavalga com força, controlando nossos movimentos e levando-me fundo. É rápido e, a cada impulso, ela treme e geme em meus braços. Julie se endurece em meu colo e grita meu nome, dissolvendo-se em um orgasmo violento. Seguro em seus quadris e martelo em sua boceta até sentir pontos pretos em minha visão e o êxtase me tomar.

No instante que descemos da neblina sexual, estamos suados, cansados e respirando pesadamente.

— Você ainda quer ir lá? Minha maquiagem está arruinada — Julie diz ainda no meu colo.

— Vai ser divertido o choque de todo mundo ao ver que não só estamos casados, como com um filho a caminho.

— Eles devem ter visto alguma foto nossa. Você estava por toda Vermont quando eu morava aqui.

— Não se esqueça que o convite veio em meu nome. O seu deve estar na caixa de correio de um desconhecido em Burlington. Vamos, e não esqueça do casaco. Está frio lá fora.

— Tudo bem, mamãe… — ela me responde rindo.

— Ah, Jules… Vou fazer você gritar por "papai" quando a gente sair daqui. Vou tirar esse sorrisinho engraçado do seu rosto — falo e dou um tapa na bunda da minha esposa, ajudando-a a sair de cima de mim.

Ela ainda é ágil, mesmo com quatro meses de gravidez. Jules sempre foi uma bola de energia, e com a gravidez tive que redobrar minha atenção nela… Cai, se machuca, se bate o tempo todo. Eu reclamo, e ela diz apenas que seu meio do céu é em peixes e que não tem como evitar ser distraída e um pouco desastrada.

Quando nós entramos na quadra de esportes — o salão onde a festa está acontecendo —, todos os olhos vêm para nós dois. Os comentários se espalham por todos os lados como pólvora enquanto os inimigos jurados da época da escola caminham juntos de mãos dadas. No final, quem ri da piada são eles: cada uma das pessoas que vem falar conosco essa noite diz como sempre pareceu que nós brigávamos tanto com medo de sentir outra coisa, que nós dois éramos algo destinado a acontecer.

Todos eles têm razão. Julie é minha melhor amiga. Conhece meus bons e maus momentos, minha personalidade irritante, assim como eu conheço a dela. Se o destino quis que só voltássemos a nos encontrar dez anos depois, aceitarei de bom grado. Afinal, *cada um tem o inimigo que merece*, e a minha também é o meu amor.

FIM.

Deixe seu comentário na página da Amazon, é muito importante e me ajuda a publicar cada vez mais! Se inscreva na minha lista de e-mails e saiba das novidades em primeira mão – Saiba mais aqui. Me envie um e-mail em thekathyork@gmail.com ou mensagem através do Instagram https://www.instagram.com/katherineyorkautora e Facebook https://www.facebook.com/thekatherineyork

Acompanhe minhas novidades em meu site https://www.katherineyork.com.br/ ou no Wattpad https://www.wattpad.com/user/KathYork

**Algumas palavras foram modificadas por escolha estilística da autora.*

Proibida a cópia total. Cópia parcial apenas para resenhas. Todos os direitos reservados. License: All rights reserved. Imagem: Pixabay.

Clique aqui para ler outros livros da autora

Table of Contents

Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Epilogo